

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

ANDRESSA DA SILVA DE MORAES

**“ENTRE OS BAMBAS, OS SAMBAS E A LOUCURA”:**  
UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DA DAMA DO SAMBA PARA O  
SERVIÇO SOCIAL

RIO DE JANEIRO  
2022

ANDRESSA DA SILVA DE MORAES

**“ENTRE OS BAMBAS, OS SAMBAS E A LOUCURA”:**  
UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DA DAMA DO SAMBA PARA O  
SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rachel Gouveia  
Passos

RIO DE JANEIRO  
2022

Dedico meu trabalho de modo especial para a mulher que me deu a vida e sempre foi a fonte da minha inspiração. Dedico também a todos os meus amigos e familiares que sempre me ajudaram a enfrentar os obstáculos que surgiram no decorrer da minha trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Quero iniciar meus agradecimentos pedindo obrigada a Deus, porque sem sua graça e força não conseguiria chegar até aqui. Logo em seguida quero agradecer a minha mãe, mulher negra que não conseguiu terminar seus estudos como gostaria e, por isso, o meu trabalho de conclusão de curso não é apenas meu, mas dela também. Agradeço por ser filha de uma mulher maravilhosa que sempre fez de tudo para me ver feliz.

Agradeço aos meus familiares e amigos por tudo. Ao meu pai por esperar o ônibus de madrugada comigo para conseguir chegar na hora certa das aulas. A minha tia Sandra que me recebia na sua casa quando precisava fazer cursos na parte da noite. Agradeço também as minhas outras tias e aos meus tios por sempre me incentivarem e acreditarem em mim quando nem eu acreditava. Deixo aqui meu agradecimento a minha avó, dona Ana, que do seu jeitinho sempre cuidou de mim.

Agradeço às minhas primas, mulheres lindas e sonhadoras. Desejo que todas sejam muito realizadas, e do mesmo modo que elas sempre falaram de mim com orgulho e amor, deixo aqui meu agradecimento também recheado de carinho para com elas.

Apesar de todas as brigas, agradeço aos meus dois irmãos por sempre falarem de mim com orgulho e por fazerem parte da minha trajetória de vida. Agradeço também pelas orações que sempre solicitei – por achar que não conseguiria dar conta de tudo – as minhas duas madrinhas, Rosimar e Fátima.

Deixo aqui meu agradecimento a todos os meus amigos que não estudaram comigo ao longo da minha vida acadêmica, mas sempre acreditaram no meu potencial, são muitos nomes, então deixo aqui meu agradecimento de modo geral. Vocês foram essenciais na minha caminhada acadêmica e de vida. Obrigada por tudo. Obrigada pela força quando estudava para tentar a vaga na universidade, e obrigada novamente por continuarem torcendo por mim para que eu pudesse chegar ao fim da graduação.

Agradeço também com muito carinho ao meu quilombo amado da UFRJ. Aos meus pretinhos (as) que fizeram minha vida acadêmica mais leve e divertida. Agradeço aos meus amigos da faculdade por todos os abraços, resumos compartilhados, trabalhos em grupo, almoços no sujinho e conversas no ônibus Troncal1 e no ramal Japeri. Agradeço por toda a bagunça no Rio Sul e por me

ensinarem tanto ao longo da caminhada, vocês são incríveis e tenho certeza que serão profissionais maravilhosos e potentes.

Agradeço a Dona Ivone Lara, mulher negra que abriu caminhos para que hoje eu pudesse estar aqui. Escrever sobre ela me encheu de força, e peço aqui minhas desculpas caso não tenha conseguido fazer um trabalho a altura que ela merece.

Agradeço também a minha psicóloga que esteve comigo no ano de 2021 inteiro, e que me fez perceber tudo que sou capaz de conquistar. Agradeço por ela ser uma profissional maravilhosa e por ter me ajudado a enfrentar tantos obstáculos ao longo de todo o processo terapêutico, foi de extrema importância.

Agradeço também à minha orientadora, Rachel Gouveia Passos, por aceitar me orientar e compartilhar comigo seus conhecimentos. Desde que entrei na Escola de Serviço Social da UFRJ desejei ser orientada por ela caso meu tema fosse direcionado para saúde mental, e aqui estamos. Sou imensamente grata pelo acolhimento e pela confiança que recebi dela.

Aproveito o momento e deixo aqui meu agradecimento ao Projeto de Pesquisa e Extensão Encruzilhadas: diálogos antirracistas. Por meio do projeto tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, inteligentes e potentes que levarei com carinho para o resto da vida. Ter sido bolsista do projeto foi uma das melhores experiências ao longo da minha caminhada acadêmica.

Agradeço também à Defensora Pública Patricia Magno e ao professor Daniel Campos por aceitarem participar da banca da minha defesa de TCC. Sou imensamente grata por ter vocês na banca da minha defesa. Muito obrigada pelo sim de vocês ao serem convidados, e por fazer parte desse momento de extrema importância.

Por último e não menos importante agradeço a mim mesma. Agradeço por não ter desistido ao longo da caminhada – mesmo com inúmeros motivos para desistir – e por ter continuado tentando. Diversas vezes ao longo da minha trajetória pensei que não seria capaz, que não conseguiria chegar nos lugares que sonhei e desejei. Tantas vezes duvidei de mim e de tudo que era capaz de fazer. Nada na minha vida foi fácil, entretanto, nunca me faltou forças para recomeçar apesar de toda fragilidade que me constrói.

*Negro que já foi escravo  
Negro é a voz da verdade  
Negro é destino, é amor  
Negro também é saudade  
Um sorriso negro  
Um abraço negro  
Traz felicidade  
Negro sem emprego  
Fica sem sossego  
Negro é a raiz da liberdade*

*(Dona Ivone Lara)*

## RESUMO

Na busca de valorizar e pontuar a importância de Dona Ivone Lara, não só para o samba, como também para o Serviço Social, o presente trabalho deseja falar sobre a trajetória de vida da sambista assistente social. No decorrer do trabalho, seus passos rumo ao pioneirismo serão desenvolvidos desde o seu nascimento em 13 de abril de 1921, até o dia do seu falecimento em 16 de abril de 2018. Diante disso, tenta-se abordar a importância de Dona Ivone Lara para as profissões que ela exerceu, de modo especial, o Serviço Social. Compreendendo sua relevância para as rupturas alcançadas dentro da saúde mental. Será questionado também o que a categoria profissional do Serviço Social produz sobre aquela que foi uma das primeiras assistentes sociais negras da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, serão pontuadas questões raciais postas dentro da sociedade brasileira, levando em consideração como o Serviço Social lida com elas por se tratar de uma profissão que atende de forma majoritária a população negra e pobre do Brasil, no decorrer da sua prática profissional. Portanto, o presente trabalho busca valorizar a profissional, a sambista, a mulher negra, a mãe e a esposa que foi Dona Ivone Lara.

**Palavras-chave:** Dona Ivone Lara; Pioneirismo; Serviço Social.

## ABSTRACT

In search of valuing and punctuating the importance of Dona Ivone Lara, not only for samba but also for Social Service, the present work wants to talk about the life trajectory of the samba social worker. In the course of the work, her steps towards pioneering will be developed, from her birth on April 13, 1921, until the day of her death on April 16, 2018. Therefore, we try to address the importance of Dona Ivone Lara for the professions she exercised, especially Social Service. Understanding its relevance to the ruptures achieved within mental health. It will also be questioned what the professional category of Social Service produces about the one who was one of the first black social workers in the city of Rio de Janeiro. In addition, racial issues posed within Brazilian society will be punctuated, taking into account how Social Service deals with them, as it is a profession that mostly serves the black and poor population of Brazil in the course of their professional practice. Therefore, the present work seeks to value the professional, the samba dancer, the black woman, the mother, and the wife who was Dona Ivone Lara.

**Keywords:** Dona Ivone Lara; Pioneerism; Social Service.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Foto rara de D. Ivone Lara criança .....	16
<b>Figura 2</b> – Dona Ivone Lara e suas colegas de colégio .....	17
<b>Figura 3</b> – Primo mais velho de D. Ivone Lara tocando violão.....	18
<b>Figura 4</b> – Oscar Costa com os filhos do casal .....	19
<b>Figura 5</b> – Dona Ivone Lara tocando cavaquinho .....	24
<b>Figura 6</b> – Dona Ivone Lara é homenageada no carnaval.....	25
<b>Figura 7</b> – D. Ivone Lara é homenageada no hospital.....	28
<b>Figura 8</b> – Roberta Rodrigues interpretando D. Ivone Lara .....	31
<b>Figura 9</b> – Imagem do Filme “Nise: O coração da Loucura” .....	32
<b>Figura 10</b> – Diploma de Enfermeira (1941).....	34
<b>Figura 11</b> – Carteira do sindicato de Enfermagem (RJ) .....	35
<b>Figura 12</b> – Certidão de assistente social (1964) .....	36
<b>Figura 13</b> – Nise da Silveira.....	41
<b>Figura 14</b> – Atividade dos pacientes do hospital psiquiátrico .....	47
<b>Figura 15</b> – Paciente do hospital psiquiátrico pintando .....	47
<b>Figura 16</b> – Dona Ivone segurando um livro do Serviço Social .....	60
<b>Figura 17</b> – Dona Ivone Lara e o neto .....	67
<b>Figura 18</b> – Dona Ivone Lara e seu bisneto.....	67
<b>Figura 19</b> – Dona Ivone Lara .....	68

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 VIDA E OBRA.....</b>	<b>16</b>
2.1 A Dama do samba.....	16
2.2 Mulheres no samba: o pioneirismo de D. Ivone Lara .....	21
<b>3 AS GIRAS DA LOUCURA.....</b>	<b>33</b>
3.1 Percurso profissional na saúde/saúde mental.....	33
3.2 D. Ivone e Nise da Silveira .....	38
3.3 Protagonizando rupturas no hospício .....	42
<b>4 DONA IVONE LARA E O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO.....</b>	<b>49</b>
4.1 O que temos produzido sobre a sambista assistente social?.....	49
4.2 Protagonismo ou pioneirismo? .....	54
4.3 O legado para a profissão .....	58
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca desenvolver a trajetória profissional de Dona Ivone Lara dentro do Serviço Social – profissão em que foi pioneira – tornando-se uma das primeiras assistentes sociais negras da cidade do Rio de Janeiro. No decorrer do trabalho sua trajetória será pontuada desde o seu nascimento em 1921, até seu falecimento no ano de 2018, dando ênfase não apenas na profissão de assistente social, como nas demais profissões que exerceu, mostrando sua força feminina e potência enquanto mulher negra.

Procura-se também abordar sua importância ao lado de Nise da Silveira na saúde mental, demonstrando as mudanças realizadas por meio do exercício conjunto das duas profissionais. O serviço e as mudanças realizadas por elas transformaram por completo a prática violenta pautada no racismo presente nos hospitais psiquiátricos, as duas substituíram a dor que construía a instituição por afeto através da arte e da música.

Diante disso, o objetivo é dar o valor e a importância merecida para Dona Ivone Lara, pontuando sobre seu pioneirismo no mundo do samba, do Serviço Social, da Enfermagem, Terapia Ocupacional e saúde mental no Brasil. Logo, o presente trabalho possui como objetivo o não apagamento dos feitos de uma mulher negra na história de suas profissões inseridas no tecido social. Enquanto assistente social, será pontuado o que a categoria tem produzido sobre a sambista assistente social e se ela é pioneira ou protagonista, apresentando o seu legado para a profissão.

Em suma, por consequência do racismo que não deixou de estar presente mesmo após a abolição na sociedade brasileira, inúmeras mulheres negras que fizeram história foram apagadas e desvalorizadas por consequência não só do racismo como do machismo presente nas raízes da construção e desenvolvimento do Brasil. Na verdade, a população negra tem sua voz interrompida e silenciada em toda a sua jornada, sendo impedidos de gritar até mesmo por socorro, e esse silenciamento acontecia e segue acontecendo por meio da violência, é desse modo que calam as vozes negras e apagam seu percurso de vida.

Pontuar sobre Dona Ivone Lara é falar sobre luta e força, é enxergar uma potência que não cabe dentro do período no qual ela viveu e sobreviveu aos limites que tentaram impor para aquela que era maior do que qualquer limite proposto.

Sendo assim, ela foi e segue sendo uma preta além do seu tempo, que fez revolução por meio da arte e da cultura em todos os setores da sua vida, inclusive o profissional, buscando sempre o famoso “sonho meu”<sup>1</sup> de uma sociedade mais justa e igualitária, principalmente dentro do campo da saúde mental.

O tema do trabalho foi escolhido depois de uma aproximação com a vida e obra de Dona Ivone Lara em razão de um artigo. Logo após pesquisar e ler textos relacionados à dama do samba e relatar um pouco sobre sua trajetória nas dimensões em que ela visitou e transformou, a necessidade de pontuar sobre ela e sua importância nas áreas que exerceu – em especial para o Serviço Social – se tornou um desejo. Quando se constata que a profissão ainda produz pouco sobre a assistente social negra e potente que Dona Ivone Lara foi e segue sendo mesmo após sua morte, mediante ao seu legado, a vontade de escrever sobre a sambista aumenta.

Dessa forma, para elaborar o presente trabalho referências teóricas precisaram ser rastreadas. No interior do Serviço Social ainda existem poucos trabalhos e pesquisas sobre a dama do samba assistente social, mas encontramos sobre ela em outras profissões como na Terapia Ocupacional, na Antropologia, entre outros. Além dos textos dando ênfase na história de Dona Ivone Lara e suas profissões, foi necessário fazer uma análise da questão racial na sociedade brasileira, e assim, compreender alguns pontos sobre seu pioneirismo e apagamento.

Tornou-se necessário também pesquisar sobre saúde mental, seu funcionamento e importância na reprodução do sistema capitalista. Compreender como funcionava os hospitais psiquiátricos e as características dos pacientes ali internados, permite que alguns pontos sejam compreendidos, reforçando que o racismo é estruturante e estrutural do sistema capitalista<sup>2</sup>.

Por isso, as referências teóricas utilizadas deram destaque à vida de Dona Ivone Lara nas questões raciais e na importância de mulheres negras para o Serviço

---

<sup>1</sup> “Sonho meu” é uma das canções mais famosas de Dona Ivone Lara. A música foi escrita pela dama do samba em parceria com Délcio Carvalho. Acesse para ouvir:

<https://www.youtube.com/watch?v=f7KT1OaPEcg>

<sup>2</sup> O advogado e filósofo Silvio de Almeida pontua que o racismo estrutural é formado por três pontos da sociedade, são eles: a economia, a política e a subjetividade, demonstrando que o racismo está presente nas diversas áreas da sociedade fazendo com que ela continue estruturada. Para saber mais sobre racismo estrutural assista o vídeo a seguir do filósofo Silvio de Almeida:

<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>

Social e a sociedade em geral, trabalhando na saúde mental e sua reprodução do racismo. Consoante a isso, o tema Dona Ivone Lara tem completa ligação com o Serviço Social – curso no qual o trabalho está inserido por meio da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ) – porquê das múltiplas funções exercida pela dama do samba, o Serviço Social é uma delas.

Apesar de ter ultrapassado o tradicionalismo e a branquitude dentro do Serviço Social, a dama do samba não contentou-se em gerar apenas um avanço incorporado na profissão de forma isolada, e assim, gerou progressos como assistente social dentro de outra área, a da saúde mental. Dona Ivone Lara novamente abriu caminhos que ainda se encontravam fechados e sem acesso, provocando modificações primordiais jamais vivenciadas anteriormente. Contudo, as progressões ocorreram de maneira conjunta com a psiquiatra Nise da Silveira, deixando um legado significativo para o Serviço Social.

Entretanto, vale ressaltar que apesar de todos os avanços e todas as rupturas que Dona Ivone Lara colocou em prática no decorrer de sua trajetória profissional não fizeram com que os corpos negros não fossem mais atravessados pelo racismo e a violência da sociedade. Portanto, rupturas aconteceram, porém, tais corpos continuaram sendo violentados, dessa maneira, avanços foram executados, mas a ruptura do racismo não ocorreu, dando continuidade à luta da população negra.

Diante dos fatos mencionados, o objeto do trabalho é reconhecer e pontuar a relevância de Yvone da Silva Lara – nome de batismo da dama do samba – para o Serviço Social, dando ênfase na saúde mental, área na qual dedicou-se até sua aposentadoria como assistente social (1977). A pergunta que é feita para ampliar a pesquisa é a seguinte: qual a importância de Dona Ivone Lara para a profissão de assistente social? Buscando então, promover a visibilidade da profissional, retirando a mesma de um apagamento causado pelo racismo posto no tecido social desde o Brasil Colônia, promovendo o destaque que merece.

Se a categoria profissional não se movimentar para reconhecer a magnitude das profissionais negras e de todo o processo racial que os indivíduos que são atendidos no dia a dia da prática profissional estão introduzidos, o Serviço Social estará parado no tempo sem conseguir acompanhar os assuntos de extrema importância para aqueles com os quais lidam na maior parte do seu serviço: a população negra e pobre do Brasil.

Este trabalho busca, portanto, aprofundar a pesquisa sobre a trajetória de vida pessoal e profissional de Dona Ivone Lara, pesquisando sobre fatos da vivência dela já investigados em outros trabalhos acadêmicos e de pesquisas em geral. O objetivo da pesquisa é descritivo, ou seja, tem base em artigos, capítulos de livros, teses, entre outros trabalhos acadêmicos e não acadêmicos que pontuam sobre o assunto desenvolvido no decorrer do texto.

A abordagem do tema foi feita de forma qualitativa, sendo abordado dessa forma dados subjetivos adquiridos através das pesquisas feitas no meio teórico. Diante disso, o método utilizado para a pesquisa é o indutivo, onde foram feitas análises para conseguir chegar a uma conclusão, que no presente trabalho foi o reconhecimento do destaque de Dona Ivone Lara não apenas no mundo do samba, mas também no interior das demais profissões que obteve ao longo da carreira, mas de modo especial e notório, a profissão de assistente social.

Conseqüentemente, o trabalho foi elaborado expondo primeiramente a sua história de vida pessoal, relatando assim seu nascimento, seus estudos, a relação com os familiares, o casamento e seus filhos. A parte que estrutura esse momento de relatar a sua vida e os acontecimentos dentro dela é no capítulo dois, intitulado como “Vida e Obra”. Logo em seguida, fala-se do seu pioneirismo no mundo do samba, do Serviço Social, da saúde mental e das suas outras profissões (Enfermagem e Terapia Ocupacional).

No capítulo três é o momento de assinalar o seu percurso dentro da área da saúde/saúde mental e as rupturas causadas pelo seu trabalho e de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico. No mesmo capítulo fala-se da relação entre as duas profissionais – Dona Ivone Lara e Nise da Silveira – como era o trabalho executado, o caminho que percorreram juntas para gerar transformações e quais foram os meios aplicados.

No último capítulo é o destaque do Serviço Social, captando o pioneirismo e protagonismo da dama do samba no interior da profissão. Na primeira parte um questionamento é lançado: o que temos produzido sobre a sambista assistente social? E em seguida, uma outra dúvida é pontuada: protagonismo ou pioneirismo? Com essa pergunta a tentativa é de compreender se a dama do samba foi apenas pioneira dentro da profissão ou se sua prática profissional fez dela uma protagonista na área. O último ponto é sobre o seu legado para a categoria profissional e para a área da saúde mental.

A estruturação do trabalho é feita para falar sobre o lado negro e laico do Serviço Social (SCHEFFER, 2016), na tentativa de promover trabalhos sobre o outro lado do Serviço social que existe e, necessariamente, precisa ser pontuado. No embalo do samba que era enraizado em Dona Ivone Lara, o presente trabalho pede licença para passar e pontuar mais sobre a dama do samba assistente social que conquistou o Brasil com sua voz e seu talento – sendo a parte mais vista e reconhecida – mas que ao mesmo tempo ocasionou trabalhos exemplares fora do palco e da avenida do samba.

Parafraseando o samba enredo “História Para Ninar Gente Grande”<sup>3</sup> da Escola de Samba Primeira Estação de Mangueira do Rio de Janeiro<sup>4</sup>, a seguir, será contada a “história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar”. No decorrer do trabalho serão pontuados os “versos que o livro apagou” mostrando que “desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento, tem sangue retinto pisado, atrás do herói emoldurado. Mulheres, tamoios, mulatos.” Chegou, portanto, “a hora de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês” e a dama do samba, Dona Ivone Lara, que foi muitas mulheres em uma só (BURNS, 2006).

---

<sup>3</sup> Link para ver o clipe oficial da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e ouvir o samba-enredo do ano de 2019: <https://www.youtube.com/watch?v=JMSBisBYhOE>

<sup>4</sup> A Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira está localizada na cidade do Rio de Janeiro no bairro da Mangueira, sendo fundada em 28 de abril de 1928.

## 2 VIDA E OBRA

### 2.1 A Dama do samba

Em 13 de abril de 1921, no Rio de Janeiro, nascia Yvone da Silva Lara, mulher negra que mudaria o rumo do samba, do Serviço Social, da Enfermagem, da Terapia Ocupacional e da saúde mental no Brasil. Yvone da Silva Lara, mais conhecida como Dona Ivone Lara, a dama do samba, nasceu para modificar a realidade em que a população negra estava inserida. Ultrapassando os rumos do racismo e do machismo presentes em sua trajetória de vida.

Filha de um violonista de sete cordas (João da Silva Lara) e de uma mãe que era considerada uma ótima cantora (Emerentina Bento da Silva), Dona Ivone Lara não poderia ter nascido sem herdar o talento musical que faz parte de suas raízes, tornando-se assim, uma das vozes mais admiradas do Brasil. Na figura um temos uma foto rara de Dona Ivone Lara ainda criança para representar a época que acaba de ser citada.

**Figura 1** – Foto rara de D. Ivone Lara criança



Fonte: Acervo da família apud site do Itaú Cultural (2016)

A dama do samba estudou no Colégio Municipal Orsina da Fonseca na rua São Francisco Xavier no Rio de Janeiro, espaço que permitiu o contato dela com a música. Considerado um colégio interno muito rígido e respeitado, Dona Ivone Lara



iniciou seus estudos com dez anos de idade, permanecendo até alcançar a maioridade. Na figura dois é possível ver uma foto da dama do samba junto com algumas colegas que estudavam com ela.

**Figura 2** – Dona Ivone Lara e suas colegas de colégio



Fonte: Acervo da família *apud* FENSKE (2021)

Dona Ivone Lara pontuou que foi no interior da escola que o seu sentimento pela música tornou-se mais forte, pois em seu ambiente familiar a música já era um elemento presente. Conseqüentemente, cercava-se de melodia em todos os espaços que ocupava, principalmente quando sua mãe veio a falecer, fazendo com que Dona Ivone Lara e seus irmãos fossem morar com uma tia em Madureira (RJ), um ambiente ainda mais musical. A dama do samba seguiu os passos de seus ancestrais e se apaixonou pelo mundo da música como pode ser observado na figura três.

Na adolescência, de acordo com Pedro Paula Malta (2021), passou a morar na casa de um outro tio, que também estava totalmente envolvido com o mundo da música, reforçando assim o lugar da dama do samba no cenário musical. A música fez parte de sua trajetória desde o primeiro momento de sua vida até o último, quando faleceu em 16 de abril de 2018, aos 97 anos de idade, na cidade em que nasceu e se consagrou, demonstrando a profissional incrível que era, mas principalmente, demonstrando a mulher negra que rompia com os preconceitos do tecido social e se tornava assim, exemplo para todos os seus. Por conseguinte,

Dona Ivone Lara faleceu deixando um grande legado, sendo homenageada por todos os espaços em que foi integrada.

**Figura 3** – Primo mais velho de D. Ivone Lara tocando violão



Fonte: Acervo da família *apud* site do Itaú Cultural (2016)

O universo do samba não reservou para Dona Ivone Lara apenas conquistas musicais, pois foi dentro desse universo que ela conheceu seu marido, Oscar Costa, filho de Alfredo Costa, presidente da Escola de Samba Prazer da Serrinha, que se transformou mais adiante na Escola de Samba Império Serrano. O romance aconteceu porque Dona Ivone Lara frequentava muitas rodas de samba e reuniões feitas na casa de Alfredo Costa, tornando-se assim mais próxima de seu filho Oscar, por quem se apaixonou, descrevendo para todos o marido como um homem caseiro e tranquilo. Sempre caracterizando Oscar como um homem que preferia a calma de uma boa conversa em casa do que festas e noitadas, como caracteriza Malta (2021).

Conseqüentemente, aos 25 anos de idade casaram-se e tiveram dois filhos, que receberam o nome de Alfredo e Odir. A figura quatro do trabalho mostra o marido da dama do samba junto com os dois filhos do casal. De acordo com relatos de Dona Ivone Lara, o marido não gostava de comparecer no ambiente do samba, entretanto, não a impedia de frequentá-lo, porque sabia do amor que Dona Ivone

Lara carregava por esse mundo. Portanto, diz que foi conquistada pela índole e a calma de Oscar Costa:

Foi a índole calma de Oscar o que definitivamente conquistou a jovem enfermeira, segundo ela. “Ele era muito bom, sabe? Não se metia em nada, concordava com tudo o que eu queria fazer, e nunca criou confusão por causa do samba, pelo contrário”. Yvonne afirma não ter feito muita diferença o fato de o marido ser filho do presidente da escola, mas preocupa-se em deixar clara a situação financeira da família (BURNS, 2006, p. 67).

**Figura 4** – Oscar Costa com os filhos do casal



Fonte: Acervo da família *apud* site do Itaú Cultural

Na sua vida para além do universo do samba, Dona Ivone Lara formou-se em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery (1943), assinalando em algumas entrevistas que concedeu, que fez Enfermagem por ser a possibilidade acessível na época, precisando estudar e se dedicar a alguma profissão. Todavia, a mesma é bastante querida dentro da categoria profissional, recebendo o título de madrinha da Enfermagem pelo bom trabalho que exerceu dentro da profissão.

Logo depois, formou-se em Serviço Social em 1947, e foi uma das primeiras mulheres negras a exercer o trabalho de assistente social no Rio de Janeiro, de acordo com os trabalhos referentes a Dona Ivone Lara desenvolvidos por Scheffer (2016 e 2021). Por isso, é pioneira dentro da profissão. Contudo, inicia seu trabalho na saúde mental, especializando-se em Terapia Ocupacional, caminhando assim por vários ambientes de trabalho no decorrer de sua trajetória.

Consoante a isso, Dona Ivone Lara se destacou por ser a primeira mulher negra a assumir espaços jamais ocupados por outra mulher negra antes. À vista disso, ela alcançou feitos inéditos no mundo do samba e no interior das profissões que exerceu, principalmente dentro da saúde mental, espaço em que dedicou a maior parte da sua carreira profissional ao lado da psiquiatra Nise da Silveira, revolucionando a saúde mental no Brasil, enfrentando diversas barreiras postas pelos tabus e preconceitos de um país que nasce por meio da dor e da exploração dos corpos negros.

Burns (2006) desenvolve a caminhada de Dona Ivone Lara por dois mundos opostos, vivenciando a realidade de sua família que residia no subúrbio do Rio de Janeiro e o mundo dos estudos, ficando próxima de pessoas com realidades completamente diferentes da sua, a maioria inserida dentro de um status econômico e social considerado relativamente bom.

A dama do samba obteve a chance de estudar e se formar enquanto a maioria das meninas negras não tinham contato com essa oportunidade. Isso ocorre por elas estarem “presas” a uma realidade imposta por meio do racismo e do patriarcado presentes no tecido social. Principalmente pela questão racial, porque a abolição no Brasil chegou ao fim de maneira limitada em 1888, quando a princesa Isabel assinou a lei áurea não por ela se tratar de uma abolicionista, mas graças à pressão dos movimentos abolicionistas internos e externos, além das mudanças que aconteceram na economia mundial de acordo com Silva (2019).

No entanto, o povo negro continuou sem acesso à educação, moradia, saneamento básico, entre outras questões, demonstrando que os mesmos foram “libertos” sem nenhuma política social para resguardá-los. Além disso, tiveram a sua mão de obra substituída pela mão de obra estrangeira, para se fazer cumprir a política de embranquecimento da população brasileira, permanecendo sem trabalho remunerado como já viviam anteriormente, precisando ocupar espaços demarcados como marginalizados.

Logo, os negros foram libertos, mas existiu uma limitação dentro dessa liberdade que mesmo depois de conquistada – através da luta do povo negro – fez com que os mesmos precisassem prosseguir lutando para alcançar acesso a questões mínimas e essenciais para a sua sobrevivência:

A Princesa Isabel assinou a Lei Áurea que pôs fim a escravidão no Brasil, mas não garantiu políticas públicas para a inclusão do povo negro a sociedade. Desta maneira, negros e negras organizados por meio da imprensa negra e do Movimento negro em suas diversas faces e contextos históricos, tiveram que lutar por políticas públicas de combate ao racismo, para o acesso à Educação e ao trabalho, a fim de superar as desigualdades sociais e raciais (SILVA, 2019, p. 2).

Diante disso, Dona Ivone Lara abriu novos caminhos e possibilidades para o povo negro, demonstrando a eles, que apesar do racismo que enfrentam todos os dias não podem permitir ser limitados, mesmo dentro dessa sociedade racista e desigual na qual eles pertencem. Da mesma forma, que seus ancestrais não aceitaram sua escravidão de forma passiva, buscando novas possibilidades, tendo conhecimento de tudo que eles tinham como direito. Posto isto, Dona Ivone Lara é um exemplo de determinação, talento e cuidado para com os seus.

## **2.2 Mulheres no samba: o pioneirismo de D. Ivone Lara**

Dona Ivone Lara foi pioneira em muitos setores da sua vida, tornando-se exemplo para outras mulheres negras. Com a dama do samba como inspiração, elas puderam também trilhar caminhos opostos aos que lhe eram atribuídos em consequência do racismo presente na sociedade brasileira. À vista disso, enfatizar sobre a dama do samba é também falar sobre pioneirismo.

Alcançando lugares no mundo do samba jamais conquistados por outras mulheres negras antes, Dona Ivone Lara também foi uma das primeiras assistentes sociais negras da cidade do Rio de Janeiro. Logo após, juntamente com a psiquiatra Nise da Silveira, transformou o mundo da saúde mental que por décadas era algo assustador, cruel, violento e pautado no racismo.

Como a música foi sempre uma parte viva e presente na vida de Dona Ivone Lara, iniciar a pauta do pioneirismo dela no samba é inevitável e essencial. Não obstante, para discorrer sobre o mundo do samba se faz necessário compreendê-lo e ter consciência da sua trajetória histórica no Brasil. Atualmente, o samba é visto como um patrimônio cultural imaterial do Brasil, porém, nem sempre foi assim, porque por muito tempo o samba foi visto como algo marginalizado por ter origem africana.

O samba nasce na Bahia, mas é no Rio de Janeiro que ele se desenvolve no século XX, dentro dos terreiros das tias baianas, pois era proibido e considerado

crime fazer rodas de samba nas ruas da cidade. Sendo assim, as tias baianas tiveram papel fundamental na continuidade do samba. Consoante a isso, existe uma ala nas escolas de samba para homenagear quem abriu as portas dos seus terreiros para que o samba não morresse.

A organização das festas de samba na República Velha foi marcada pela ativa participação das mulheres negras e mestiças, que eram chamadas de tias. Durante as festas nas casas das tias, na sala de visita, eram executados o choro e o samba. E, após o jantar, tinha-se o batuque e o candomblé com os cantos dos orixás (SCHEFFER, 2021, n.p).

Dentre todas as tias baianas que tiveram papel fundamental na continuação do samba no Brasil, uma delas merece destaque, a Tia Ciata, mulher negra que conseguiu casar com um homem negro sucedido apesar de todas as limitações do povo negro da época. Ela foi a responsável por curar uma ferida na perna do então presidente da república Wenceslau Brás<sup>5</sup>, quando nada nem ninguém conseguia curar, e por isso, possuíam um olhar menos vigilante do Estado e uma casa ampla.

Consequentemente, Tia Ciata abriu as portas de sua casa para o samba acontecer, sendo uma mulher negra de grande importância para a história do samba, falecendo em 1926, deixando seu legado. O samba então ganhou vez no Brasil na década de 30, por meio do Estado Novo, surgindo assim, outros subgêneros do samba, como por exemplo, o pagode, a bolsa nova, entre outros gêneros musicais.

Foi no terreiro da Tia Ciata que nasceu o que é considerado o primeiro samba da história do Brasil chamado “Pelo Telephone”. Os sambas da época traziam em suas letras a realidade do povo negro, que mesmo com a abolição estavam inseridos em situações precárias pelo fato da abolição ter acontecido de forma limitada, não rompendo com o racismo e a violência na qual homens negros e mulheres negras estavam inseridos.

O samba esteve ligado ao universo carioca do gênero masculino negro; contudo, foi nas casas das tias baianas que nasceu o samba carioca, marcado pelo pandeiro e pela batida da faca no prato – foi no quintal de Tia Ciata que nasceu o primeiro samba gravado, “Pelo telephone”. Apesar da opressão republicana, o samba conseguiu ser reconhecido como expressão nacional na Era Vargas (SCHEFFER, 2021, n.p).

---

<sup>5</sup> Wenceslau Brás foi presidente da república de 1914 até 1918, sendo o nono presidente da história do Brasil.



O samba que hoje é tão famoso e querido pelo mundo inteiro sofreu abundantes consequências até ser aceito no Brasil. Assim como aconteceu com todas as coisas que eram relacionadas a cultura africana, por consequência do racismo que está presente no tecido social desde que os portugueses invadiram as terras brasileiras, causando assim, o genocídio dos povos originários – que já faziam parte da terra antes mesmo da chegada deles – e dos negros trazidos de forma involuntária nos navios negreiros para serem explorados e mortos no Brasil.

O mundo do samba começou a conquistar espaços jamais alcançados antes, e como canta Cartola (1978)<sup>6</sup> no samba “tempos idos”, devagar “[...] o nosso samba sem sentirmos se aprimorou pelos salões da sociedade sem cerimônia ele entrou, já não pertence mais à Praça, já não é samba de terreiro, vitorioso ele partiu para o estrangeiro”.<sup>7</sup> Então, o samba tornou-se um campo particularmente masculino, principalmente quando se tratava da composição dos mesmos.

Porém, Dona Ivone Lara, um dos maiores nomes da história do samba não aceitou permanecer de fora de um universo que também amava e lhe pertencia, demonstrando que possuía muito talento para compor e cantar, integrando-se à uma ala totalmente masculina, no caso, a de compositores de samba-enredo da Escola de Samba Império Serrano<sup>8</sup>. Dessa forma, tornou-se a primeira mulher a ocupar um espaço que por muito tempo era integrado apenas por homens.

Em 1965 a Dama do samba fazia história sendo a primeira mulher a assinar um samba-enredo, causando surpresa aos integrantes das outras escolas de samba como discorre Pedro Paula Malta (2021), ficando todos admirados ao ver uma mulher fazendo parte da ala de compositores da Império Serrano. O primeiro samba-enredo que foi assinado por Dona Ivone Lara recebeu o nome de “Os cinco bailes da história do Rio de Janeiro”, garantindo o segundo lugar à escola de samba Império Serrano no carnaval do Rio de Janeiro na época.

Apesar de ter alcançado um lugar jamais ocupado por outra mulher antes, Dona Ivone Lara conta como era complexo para uma mulher ser reconhecida dentro

---

<sup>6</sup> Cartola, cujo nome de batismo é Agenor de Oliveira, foi um compositor, cantor e poeta brasileiro nascido no Catete (RJ) em 11 de outubro de 1908. Dono de sambas muito famosos, ele é um dos fundadores da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, onde o nome e as cores da escola foram escolhidos por ele. Cartola faleceu em 30 de novembro de 1980.

<sup>7</sup> Para ouvir a música “tempos idos” acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=QYmAdHjF3z0>

<sup>8</sup> Império Serrano é uma escola de samba da cidade do Rio de Janeiro que foi fundada em 23 de março de 1947 no morro da Serrinha. Atualmente, a escola pertence a Madureira e fica localizada ao lado da estação de trem “mercadão de Madureira” no Rio de Janeiro.

da ala de compositores e do mundo do samba para além dos lugares demarcados como femininos, como por exemplo: o cargo de rainha de bateria, passista ou pertencer a ala das baianas:

As mulheres sempre defenderam o samba. Infelizmente, algumas não tiveram as oportunidades que eu tive. Os homens são um pouco egoístas, acham que são os maiores, não gostam de fazer parcerias. Na minha escola, acontecia o contrário. Os compositores faziam questão da minha participação (Dona Ivone Lara, 2007 *apud* SCHEFFER, 2021, n.p).

Dona Ivone Lara rompeu com os limites impostos dentro das escolas de samba e foi se incluindo para além dos lugares que eram considerados os únicos possíveis de serem alcançados por mulheres dentro desse universo. Aos poucos, ela foi demonstrando seu talento e se fazendo presente na ala dos compositores, escrevendo, tocando (como pode ser observado na figura cinco), cantando e encantando. Todos que estavam ao seu redor foram privilegiados de verem de perto tamanha potência e força. Por consequência da coragem e determinação de Dona Ivone Lara, o ambiente do samba foi se tornando acessível e ainda mais potente por meio das vozes femininas que foram se integrando.

**Figura 5** – Dona Ivone Lara tocando cavaquinho



Fonte: Acervo da família apud site do Itaú Cultural



Por conseguinte, Dona Ivone Lara foi precursora dentro do mundo do samba, sendo sempre citada e lembrada por todos que vivem e conhecem sua trajetória. Como caracteriza Burns (2006), a dama do samba é muitas mulheres em uma só, sendo respeitada e querida por todos:

Cantora a quem os mais jovens chamam, carinhosamente, de “muito fofa” e “uma gracinha”, e a quem todos devotam respeito, Dona Ivone Lara é muitas mulheres em uma. Como todas. Mas possui uma peculiaridade. Faz parte de um universo quase sagrado no Brasil: o do carnaval, do samba, do ritmo, do suingue. Mas não se encaixa exatamente em nenhum dos “tipos” mais conhecidos desse universo. Não é “tia”, não é passista, tampouco é musa inspiradora. Ela simplesmente compõe e canta, como fazem tantos homens (BURNS, 2006, p. 20).

Em consequência do seu talento e do seu marco na escola de samba Império Serrano, no ano de 2012, Dona Ivone Lara foi homenageada pela escola que deu a ela a chance de se integrar à ala de compositores de samba-enredo. Trazendo sua história e garra no samba-enredo que embalava o desfile da escola naquele ano, chamado “Dona Ivone Lara o enredo do meu samba”. De acordo com a Folha de São Paulo (2012), Dona Ivone Lara afirmou que essa foi a maior homenagem que ela recebeu em toda sua vida. Na figura seis pode ser observado Dona Ivone Lara no desfile em que foi homenageada.

**Figura 6** – Dona Ivone Lara é homenageada no carnaval



Fonte: Folha de São Paulo (2012)

Desfilando com alegria e disposição aos 90 anos de idade, com a escola de samba sendo uma das mais aplaudidas da noite – como pontuou A Folha de São Paulo (2012) – a Império Serrano foi vice-campeã do carnaval de 2012 com essa homenagem merecida para Dona Ivone Lara. Com um samba-enredo que trazia em sua letra traços da cultura africana como o jongo e o samba raiz.

Todavia, Dona Ivone Lara não se contentou em ser precursora apenas no mundo do samba, ela buscou alcançar lugares jamais ocupados por mulheres negras em outros espaços. Quando se formou em Enfermagem, Dona Ivone Lara já dava passos novos, porque não fazia parte da realidade de diversas mulheres negras ter acesso à educação e possuir uma profissão que não fosse a de empregada doméstica.

Após se formar e exercer sua profissão como enfermeira, Dona Ivone Lara formou-se em outra profissão, a de assistente social. No entanto, dentro do Serviço Social não foi apenas mais uma profissional, pelo contrário, foi uma das primeiras assistentes sociais negras da cidade do Rio de Janeiro, somando assim, mais um pioneirismo em sua trajetória de vida.

O Serviço Social por muitas décadas foi uma profissão totalmente ligada à Igreja Católica, possuindo uma visão de cuidado e de filantropia, sendo algo exercido por mulheres em consequência de uma visão machista do cuidado. Entretanto, quando no Brasil foi instaurado o sistema republicano (1889), o Estado se separou da Igreja Católica fazendo com que a mesma perdesse alguns poderes, constituindo mudanças significativas em diferentes setores, como na economia, nas relações sociais e culturais, como afirma Scheffer (2016). Diante disso, ocorreu o processo de laicização dentro da sociedade brasileira:

O processo de laicização veio acompanhado por estruturas de cientificidade racional na república brasileira na trilogia educar, cuidar e assistir, que, ao longo do tempo, estava na mão da Igreja Católica e foi se transformando ideologicamente em atributo naturalmente feminino ligado aos campos da saúde, da educação e do direito (SCHEFFER, 2016, p. 477).

As profissões de assistente social, enfermeira e professora eram as únicas permitidas e consideradas dignas de mulheres exercerem dentro do corpo social. O Serviço Social foi uma das primeiras profissões femininas constituída majoritariamente por mulheres de classe média alta dentro do tecido social, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, como pontua Scheffer

no texto “Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional” (2016). Ainda muito inseridas dentro do catolicismo, essas primeiras profissionais negavam sua participação dentro do movimento feminista, defendendo e limitando o lugar da mulher como dona de casa e mãe zelosa.

As primeiras profissionais de Serviço Social de acordo com Scheffer (2016) não se atentaram e muito menos participaram da luta por uma sociedade menos machista e preconceituosa, demonstrando como o Serviço Social permaneceu dentro de um conservadorismo por muito tempo. Conservadorismo esse, que ainda pode ser visto dentro da prática profissional de muitas assistentes sociais, que apesar de estarem inseridas em uma profissão que hoje luta por direitos e tem princípios éticos pautados na democracia e na liberdade – de acordo com o código de ética vigente da profissão (1993) – ainda reproduzem falas e práticas pautadas no tradicionalismo.

Em 1945, Dona Ivone Lara fez a escolha de se inserir no mundo do Serviço Social, formando-se em 1947 como assistente social no Rio de Janeiro, mesmo ano em que o primeiro código de ética da profissão era apresentado, um código de ética pautado no conservadorismo. O código de ética de 1947 do Serviço Social trazia como dever do assistente social respeitar a lei de Deus e inspirar-se na caridade cristã. À vista disso, as assistentes sociais da época estavam com suas práticas profissionais pautadas na filantropia e no amor ao próximo.

Mediante ao exposto, D. Ivone Lara foi uma das primeiras assistentes sociais negras, porque o Serviço Social, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, era composto por mulheres brancas que estavam inseridas nas classes médias e altas da cidade, como foi mencionado anteriormente. Logo, a dama do samba iniciava o seu pioneirismo dentro da profissão estabelecendo transformações.

Enquanto assistente social, Dona Ivone Lara se inseriu no campo da saúde mental, outro espaço de pioneirismo, onde foi até mesmo homenageada por seus colegas de trabalho (figura sete). Dessa vez seu pioneirismo ocorreu juntamente com a psiquiatra Nise da Silveira, no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro. Nise da Silveira também era uma mulher que rompia com os limites propostos pela sociedade, tornando-se uma das primeiras psiquiatras do Brasil.

**Figura 7** – D. Ivone Lara é homenageada no hospital



Fonte: Acervo da família apud CRESS-PR.

Consoante a isso, Nise da Silveira foi a única mulher em uma turma com mais de cem homens dentro de uma faculdade. Ela não possuía dentro da instituição o direito de um banheiro feminino, algo que foi dito dentro da exposição, “A revolução pelo afeto”, que conta a trajetória profissional de Nise da Silveira. Uma exposição elaborada e executada pelo Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Nise da Silveira, assim como Dona Ivone Lara, foi pioneira, abrindo a possibilidade de novos caminhos.

Dona Ivone Lara e Nise da Silveira mudaram o rumo da saúde mental, realizando transformações que fazem a diferença até hoje dentro desse campo. Nise da Silveira foi apresentada a tratamentos violentos, entretanto, compreendeu o que faltava dentro dos hospitais psiquiátricos: afeto, decidindo fazer então uma revolução por meio dele.

Os hospitais psiquiátricos no Brasil, surgem como uma forma de manter longe aqueles que não são bem-vindos no convívio social, são eles: negros, pobres, alcoólatras, pessoas que fazem parte do que conhecemos hoje como movimento LGBTQIA+, deficientes e pessoas com algum transtorno mental. Esses espaços de tortura e de extermínio existem para que a sociedade brasileira possa ser apenas daqueles considerados superiores. Podemos dizer que esse espaço existia para dar continuidade ao que já ocorria com a população negra desde o início do Brasil, ou seja, privação de liberdade, maus-tratos e extermínio:

Os hospitais psiquiátricos no Brasil, desde o começo do século, são lugares de exclusão, de confinamento e, principalmente, de extermínio, com uma taxa de mortalidade em torno de 80% a 90%. [...] Patto (1997) vai mostrar que a Liga Brasileira de Higiene Mental, formada por psiquiatras no Rio de Janeiro, defendia a esterilização dos degenerados, entre os quais estavam incluídos os negros alcoólatras, os tuberculosos, os sífilíticos, os loucos e os infratores. Não só os zelosos médicos e psiquiatras estavam preocupados com o confinamento dos considerados "fora da norma", mas também os deputados das assembleias legislativas de todo o país apresentavam ousadas propostas de imigração massiva de europeus, objetivando uma miscigenação que levaria à assimilação e ao desaparecimento do negro (BENTO, 2002, p. 11).

Os manicômios são estruturados para a violação de direitos e, principalmente, para que a violência sobre os corpos negros continue acontecendo de forma naturalizada como sempre ocorreu desde que esses corpos foram retirados de suas terras e trazidos de forma desumana as terras brasileiras. Esses corpos novamente foram desumanizados e violentados. De acordo com Passos (2018), essa naturalização da violência em relação aos corpos negros é o que constrói os manicômios:

A naturalização da violência institucional sobre os corpos negros compõe o modelo manicomial. O manicômio estrutura-se para além de uma edificação, pois mesmo com o fim do hospital psiquiátrico ainda experimentamos inúmeros formatos e formas de apartheid social, expressas pela via da medicalização e patologização da vida, pela internação compulsória, pela esterilização coercitiva, pela higienização urbana e demais fenômenos, ou seja, o manicômio é social, uma vez que ele está introjetado e reproduzido nas relações sociais (PASSOS, 2018. p.4).

Os hospitais psiquiátricos eram lugares de dor e sofrimento. Dona Ivone Lara e Nise da Silveira trabalharam para modificar essa realidade, aos poucos, elas tornaram o lugar de violência em um espaço de tratamento digno, da maneira correta com que as pessoas que ali eram inseridas tinham o direito de serem acolhidas no decorrer do seu tratamento. Por isso, os tratamentos de dor foram substituídos<sup>9</sup> pela arte, e o afastamento da família que era causado pelos próprios médicos – por desacreditarem da melhora daquele paciente – foi perdendo a vez.

Era Dona Ivone Lara que rodava as cidades vizinhas ao hospital para encontrar a família dos pacientes, fazendo com que eles fizessem parte do

---

<sup>9</sup> Vale ressaltar que essa substituição está sendo colocada de modo isolado para as rupturas causadas por Dona Ivone Lara e Nise da Silveira, ou seja, não ocorreram em todos os hospitais psiquiátricos. Portanto, além de ser uma substituição isolada, ela não deu fim as violências dentro da área da saúde mental de modo geral.

tratamento, ajudando o parente que estava internado no hospital psiquiátrico. Dona Ivone Lara gostava do trabalho que fazia e de lidar com os pacientes, ela descreveu um pouco sobre o seu trabalho e sua relação com Nise da Silveira na dissertação de mestrado de Burns (2006):

“Era um trabalho ótimo, tratar de doente não é nem um pouco estressante. A doutora Nise da Silveira era minha supervisora no serviço social. Ela ainda não tinha fundado a ‘Casa das Palmeiras’ nem começado a fazer tratamentos tão revolucionários, mas já sabia que era importante avaliar a família dos pacientes. Minha função estava ligada a isto: eu fazia relatórios, falando do comportamento do doente em casa, com os parentes. Eram todos observados. Aprendi muito sobre as pessoas, com ela e com esse trabalho. Doutora Nise tinha uma sala grande e dizia que também precisava de 58 gente para programar o que chamava de ‘dia para os doentes’ (Lara, *apud* BURNS, 2006, p. 57).

Com tanto talento para a música e com a arte entrando como forma de tratamento pelos métodos da psiquiatra Nise da Silveira, Dona Ivone Lara começou a trabalhar com melodia junto com os clientes do hospital nos chamados “dias para os doentes”. Nesses dias os pacientes eram livres para expressarem os seus talentos por meio da arte e da leveza de estar em um lugar que por muito tempo os oprimia. Dona Ivone Lara disse o seguinte sobre esses dias:

Nesses dias especiais, a gente organizava alguns internos que queriam se apresentar, dançar, cantar, e eram essas as atividades mais estimuladas pelo método da doutora Nise, que começava a ser posto em prática. Então a gente passava o dia inteiro com eles. Tinha um doente, por exemplo, que se chamava Ribamar e pertenceu à Orquestra Tabajara. Outro tinha o apelido de Xerife, e tocava piano muito bem. Às vezes a gente ficava horas ouvindo (Lara, *apud* BURNS, 2006, p. 58).

Dona Ivone Lara e Nise da Silveira em consequência das mudanças dentro da saúde mental no Brasil foram homenageadas no filme “Nise: O coração da loucura”. O filme retrata a luta que Nise da Silveira encontrou dentro dos hospitais psiquiátricos que em sua maioria eram liderados por homens com pensamentos conservadores, utilizando técnicas violentas para lidarem com seus pacientes.

Nise da Silveira buscou romper com esses tratamentos, engendrando assim um trabalho diferente. Dona Ivone Lara faz parte dessa trajetória se especializando em Terapia Ocupacional para melhorar sua prática profissional relacionada aos seus pacientes. O filme foi dirigido por Roberto Berliner e lançado em 16 de abril de 2016, e Dona Ivone Lara no filme foi interpretada por Roberta Rodrigues, uma atriz e

cantora negra nascida no Rio de Janeiro, cidade de dona Ivone Lara. A figura oito mostra a atriz vestida de Dona Ivone Lara nas gravações do filme.

A dama do samba realizou um excelente trabalho dentro da saúde mental no Brasil e, por isso, ganha destaque sempre que a história de Nise da Silveira é contada em livros, dissertações, filmes ou exposições. Entretanto, em alguns momentos a dama do samba não é inserida da maneira que deveria ser reconhecida quando o assunto é saúde mental e rupturas, porque a mesma possui uma grandiosidade que necessita ser lembrada.

Diante disso, Dona Ivone Lara aparece no filme por ter participação no trabalho desenvolvido por Nise da Silveira na saúde mental. Na figura nove mostra a atriz Roberta Rodrigues interpretando Dona Ivone Lara e a atriz Glória Pires<sup>10</sup> interpretando Nise da Silveira junto com alguns atores interpretando os pacientes acolhidos por elas no filme aqui citado. Todos aparecem fisicamente e mentalmente saudáveis, mostrando como o trabalho conjunto foi essencial para o hospital psiquiátrico no qual as duas profissionais estavam inseridas.

**Figura 8** – Roberta Rodrigues interpretando D. Ivone Lara



Fonte: Revista Veja

---

<sup>10</sup> Glória Pires é uma atriz brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1963. Filha de um ator e humorista herdou do pai a paixão pela arte. No filme que conta a história de vida de Nise da Silveira, a atriz interpreta a psiquiatra.



**Figura 9** – Imagem do Filme “Nise: O coração da Loucura”



Fonte: Revista Veja

Por meio do que foi posto e desenvolvido até aqui, torna-se notório o peso e a importância que Dona Ivone Lara possui para diferentes setores. Pioneira na maior parte dos feitos, no decorrer de sua trajetória a dama do samba não deixa apenas talento para os que ficaram, mas também muita força. Ela deixa ganhos e avanços incalculáveis para o tecido social.

Apesar de toda sua relevância para diversos mundos, como o do samba, do Serviço Social e da saúde mental, diversas vezes, Dona Ivone Lara é apagada ou não recebe o cuidado e a relevância que realmente possui dentro dessas áreas. Quando o assunto é Dona Ivone Lara, logo se faz uma ligação imediata com o samba e seu talento musical, todavia, ela possui feitos em outros recintos, tornando-se figura indispensável na trajetória do Serviço Social e da saúde mental, por exemplo, merecendo não por favor, mas por talento, ser reconhecida e valorizada dentro delas.



### 3 AS GIRAS DA LOUCURA

#### 3.1 Percurso profissional na saúde/saúde mental

Dona Ivone Lara inicia sua trajetória dentro da saúde\saúde mental por meio da formação acadêmica em Enfermagem, formando-se como enfermeira em 1943. A Enfermagem é um dos inúmeros cursos que fazem parte da construção de profissões direcionadas para o trabalho na saúde. Com isso, a enfermagem é o primeiro passo da dama do samba – dos muitos que vão ser dados a seguir – na área da saúde, abrindo assim imensuráveis possibilidades.

O curso de enfermagem entra na vida de Dona Ivone Lara quando seu tio a chama para conversar e explica que com o aumento das despesas a sambista precisará arrumar um emprego, e que caso não consiga encontrar um, o mesmo a colocaria para trabalhar em uma fábrica de tecidos. No entanto, ela não queria trabalhar na fábrica, e olhando o jornal viu uma possibilidade de estudar enfermagem, combinando com seu tio que caso não conseguisse entrar no curso trabalharia para ajudar nos gastos da casa. Dessa forma, Dona Ivone Lara não apenas se inseriu no curso como foi aprovada entre as 10 primeiras, conseguindo assim uma bolsa:

O tio, então, chamou Yvonne para conversar e propôs a ela que procurasse um trabalho. Caso não encontrasse, ele próprio se incumbiria de empregá-la na mesma a fábrica de tecidos em que seus primos trabalhavam. “Mas eu não queria ser operária. Pensava em trabalhar, em fazer minha independência, e onde quer que eu estivesse, ajudar meus tios, que eram muito pobres, mas não queria que fosse assim. Até que um dia eu li no jornal que estava abrindo concurso para a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. O curso de enfermagem era o único de graça, então escolhi esse mesmo, não tive muita opção. Meu tio repetiu que se eu não passasse, faria qualquer outra coisa. Fiz o concurso e fui aprovada entre os dez primeiros colocados”. Na época, aqueles que passavam nas primeiras colocações tinham direito a uma bolsa de estudos, no valor de 60 mil réis. “Eu dava tudo o que recebia para a minha tia, que comprava meus sapatos, e cobria as despesas da casa.” Foram quatro anos de estudo (BURNS, 2006, p. 48).

Diante disso, a Escola Anna Nery – onde Dona Ivone Lara estudou Enfermagem – formava “enfermeiras para atuarem na Segunda Guerra Mundial, sem ter vinculação religiosa, mas norteadas pelo apelo patriótico” (SCHEFFER, 2021, n.p):

Em 1942 havia 222 alunas matriculadas na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, sendo que 75 (que não eram internas) faziam o 'curso de guerra'. Em 1942, a Cruz Vermelha Brasileira (que se instalara no país desde 1908) ofereceu 44 cursos de enfermagem que formaram cerca de 2.500 voluntárias. O voluntariado destas enfermeiras não profissionais conotava sua disposição de servir à pátria. Provavelmente estas mulheres voluntárias não tinham relação com as tradicionais enfermeiras de caridade, ligadas a ordens religiosas, cujo discurso centrava-se na ajuda ao próximo, mas sem apelo patriótico (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 4 *apud* SCHEFFER, 2021, n.p).

A enfermagem foi a porta de entrada profissional de Dona Ivone Lara na área da saúde, atuando como enfermeira durante seis anos de sua vida até se inserir no Serviço Social. Diferente da sua segunda profissão (assistente social), a enfermagem tinha um número expressivo de mulheres negras:

Lara passou a integrar outra profissão onde a presença de negros pelo menos no Rio de Janeiro, sempre foi majoritária: a área de enfermagem. Ela teria exercido esta profissão por seis anos apenas, porque tempos depois começaria no Rio de Janeiro o curso de Serviço Social para formação de assistentes sociais. Lara então volta para os bancos escolares para fazer os cursos complementares que lhe confeririam o título de assistente social, profissão que exerceu com orgulho e dedicação por trinta e sete anos até o momento de sua aposentadoria, em 1977 (SANTOS, 2005 p. 16 *apud* SCHEFFER, 2021).

**Figura 10 – Diploma de Enfermeira (1941)**



Fonte: Ocupação Dona Ivone Lara Itaú Cultural *apud* FENSKE (2021)

**Figura 11** – Carteira do sindicato de Enfermagem (RJ)



Fonte: Ocupação Dona Ivone Lara\Itaú Cultural (2016)

Para a categoria profissional de Enfermagem, a passagem de Dona Ivone Lara pela profissão é importante, enxergando a mesma como madrinha da profissão. Por isso, os profissionais disputam o legado deixado por ela com as outras profissões da dama do samba, no caso, o Serviço Social e a Terapia Ocupacional, além do universo do samba que enxerga Dona Ivone Lara como personagem essencial para sua história. Nas duas figuras acima (figura dez e figura onze) temos o diploma de enfermeira de Dona Ivone Lara e a carteirinha do sindicato das enfermeiras que a mesma fazia parte como sócia benemérita.


Depois do seu processo na profissão de Enfermagem, Dona Ivone Lara se forma em Serviço Social – na figura doze temos o certificado de conclusão de curso da profissional – começando sua luta antimanicomial ao lado da psiquiatra Nise da Silveira, transformando o rumo da saúde mental. Entretanto, Apesar da sua grande importância dentro da saúde mental, Dona Ivone Lara numerosas vezes é esquecida, ou citada de forma breve, mesmo tendo trabalhado lado a lado com Nise da Silveira em todo o seu processo de avanço dentro da saúde mental, possuindo uma relevância indiscutível por meio da sua prática profissional durante o tempo em que era assistente social no hospital psiquiátrico.

Dessa forma, a dama do samba passou toda sua carreira como assistente social dentro da saúde mental, realizando um trabalho pautado na emancipação dos seus usuários, buscando romper com o racismo e o conservadorismo presente no

ambiente hospitalar. Porém, todas essas questões levantadas foram feitas dentro dos limites que Dona Ivone Lara possuía na época, construindo um papel fundamental nos progressos alcançados no decorrer dos séculos juntamente com Nise da Silveira:

Dona Ivone Lara passou toda a vida profissional no campo da saúde mental no Centro Psiquiátrico Nacional D. Pedro II, no bairro carioca do Engenho de Dentro, no período de 1947 a 1977. Nesse sentido, ser “assistente social psiquiátrica”, no referido período, era desfrutar de grande prestígio e bom retorno financeiro, pois havia um enorme reconhecimento do “capital simbólico” da profissão no sentido dado por Bourdieu, com potencialidades de também abrir novas chances de valorização econômica para os profissionais (VASCONCELOS, 2000, p. 169, *apud* SCHEFFER, 2021, n.p).

**Figura 12 – Certidão de assistente social (1964)**

  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
 Diretoria do Ensino Superior

**CERTIDÃO**

Em cumprimento ao despacho exarado no requerimento de

2 número dez mil cento e quarenta e sete de mil novecentos e sessenta e quatro, em que Yvonne Lara da Costa, exercendo a função  
 3 de Assistente Social por mais de nove (9) anos, no Serviço Nacional de Doenças Mentais - Ministério da Saúde, requer seja  
 4 concedido documento hábil que sirva de prova material de seus  
 5 direitos ao título de Assistente Social nos termos do parágrafo  
 6 único do artigo 11, da Lei 1889 de 13.6.53. CERTIFICO que, de fô  
 7 lhas, seja do processo dez mil cento e quarenta e sete de mil no  
 8 vacantes e sessenta e quatro, consta o seguinte: "MINISTÉRIO DA  
 9 EDUCAÇÃO E CULTURA - Processo 10.147/64 - De acordo com a Lei  
 10 1889 de 13-6-53, e considerando os termos do Parecer 60/62, do  
 11 Conselho Federal de Educação, homologado em 11-6-62, bem  
 12 como o mais que consta do presente processo, declaro que a  
 13 requerente, YVONNE LARA DA COSTA, se encontra, para fins de exame  
 14 de fato profissional, tão somente, em condições idôneas as dos  
 15 possuidores de diploma de curso de Assistente Social, regularmente  
 16 registrado nesta Diretoria, Diretoria do Ensino Superior, em  
 17 26 de Fevereiro de 1964, (assinado) Nair Fontes Abu-Merby, Diretora Substituta". E, por nada mais constar, eu, Gláucia Regueta  
 18 Pereira, escrivã, nível oitavo, passei a presente certidão, por  
 19 mim assinada e visada pelo Chefe da Seção de Registros da Diretoria do Ensino Superior, Onilda Gomes da Christo.//////  
 20  
 21 Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 1964  
 22 Gláucia Pereira Escritt  
 23

**VISTO**

27 de Fevereiro de 1964  
 Onilda Gomes da Christo  
 CHEFE DA SEÇÃO DE REGISTROS

RECONHECIMENTO

Em test. + de verdade

13º OFÍCIO  
 REGISTROS E  
 TABELÃO  
 DE DOENÇAS MENTAIS  
 ANEXO Nº 1000

Fonte: Ocupação Dona Ivone Lara Itaú Cultural *apud* FENSKE (2021)

Ao iniciar seus trabalhos dentro do hospital psiquiátrico, Dona Ivone Lara conseguiu ver de perto a realidade caótica e desesperadora que essas instituições viviam. Por incalculáveis vezes adoeceram quem possuía saúde, mas que aos olhos

da classe dominante e hegemônica brasileira, não deveriam permanecer no convívio social. Centenas de negros e negras, pobres, homossexuais, entre outros indivíduos que foram internados de forma involuntária, receberam tratamentos violentos que mudaram para sempre suas vidas.

Os médicos dão muito remédio  
 E as enfermeiras para não terem trabalho  
 Só ficam gritando:  
 Vou dar choques...  
 Vou por amarras...  
 Ser louco é uma barra (Beta, *apud*, ZACHARIAS, 2020, p. 76).

Zacharias em sua tese de mestrado (2020) “Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira” mostra um pouco da realidade dos manicômios, principalmente quando se tratava da internação involuntária de indivíduos negros. Stella, que é a personagem que tem sua história de vida desenvolvida no decorrer da tese de mestrado, esteve internada por três anos no Centro Psiquiátrico Pedro II – mesmo hospital em que Dona Ivone Lara exerceu sua prática profissional – sendo internada depois na Colônia Juliano Moreira, lugar que permaneceu até morrer.

Com isso, a autora faz sua dissertação sobre a vida de Stella do Patrocínio, mulher negra que foi internada de forma involuntária, considerada atualmente como poeta. No entanto, uma poeta que de acordo com Zacharias (2020) nunca possuiu uma biblioteca e por muito tempo nem casa, demonstrando a realidade dos indivíduos que eram internados:

Stella não teve uma biblioteca em casa. Stella viveu 30 anos sem ter casa. Nem convívio com a família. O que foi destinado involuntariamente a Stella foi o aprisionamento manicomial, o diagnóstico de “esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”, os psicotrópicos, por algumas décadas também os eletrochoques, os quartos cheios de outras mulheres psiquiatrizadas, a maioria negra, como ela, e também pobre, vivendo há décadas em confinamento e sem privacidade ou sequer direito a visitas íntimas. Morreu como indigente e sem direito a túmulo ou gaveta no cemitério para o qual seu corpo foi destinado, em Inhaúma. Não há restos mortais. Se “todo camburão tem um pouco de navio negreiro,” é certo que todo manicômio tem um pouco de cativo (ZACHARIAS, 2020, p. 19).

Stella do Patrocínio, assim como centenas de mulheres negras sofrem com o racismo no Brasil. Como suas ancestrais, percebeu que estava presa pelas

correntes do racismo. Os hospitais psiquiátricos tornaram-se os novos navios negreiros para todos aqueles que eram taxados como inferiores por uma questão de raça, etnia e gênero, como discorre Passos em seu texto “Holocausto ou Navio Negreiro? Inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira” (2018).

Por meio da história da poeta Stella do Patrocínio pode-se observar o perfil dos indivíduos que estavam inseridos dentro da instituição de dor que eram os hospitais psiquiátricos. Stella é apenas um exemplo entre excessivos casos de pessoas negras que foram internadas de forma involuntária, sem conseguir se defender, sendo obrigados a fazerem tratamentos que não queriam e muito menos precisavam, sendo mortos dentro dos manicômios.

### **3.2 D. Ivone e Nise da Silveira**

Dona Ivone Lara e Nise da Silveira possuem algumas características em comum. Ambas são mulheres que aos poucos foram transformando os ambientes em que se integravam, fornecendo mudanças significativas e necessárias para o país. A dama do samba foi pioneira em alguns setores da sua trajetória, e a Dra. Nise da Silveira foi a única mulher em sua turma da faculdade, sendo precursora dentro da psiquiatria no Brasil.

Nise Magalhães da Silveira nasceu em Maceió (Alagoas)<sup>11</sup> em 1905 e tornou-se uma das primeiras mulheres a serem psiquiatras no Brasil, fazendo revolução dentro do campo da saúde mental. Nise da Silveira foi pioneira dentro da terapia ocupacional e mudou os rumos dos tratamentos que eram utilizados dentro dos hospitais psiquiátricos, e assim, começou a usar a arte como forma de tratamento. Em 1952 a Dra. Nise da Silveira fundou o Museu de Imagens do inconsciente que fica localizado no Rio de Janeiro, sendo um espaço de estudo sobre a saúde mental.

Pioneirismo e força feminina são duas palavras que descrevem a dupla de profissionais, que juntas, impulsionaram rupturas no mundo da saúde mental, e hoje, são homenageadas e lembradas como grandes mulheres, profissionais e, principalmente, revolucionárias. Nise da Silveira chegou até mesmo a ser presa na

---

<sup>11</sup> Nise da Silveira enquanto mulher nordestina na cidade do Rio de Janeiro possui uma trajetória marcada por xenofobia e machismo. Diante disso, ela também possuiu obstáculos por ser uma mulher nordestina na cidade do Rio de Janeiro, precisando ultrapassar diversos preconceitos ao longo da sua caminhada, demonstrando que apesar de ser uma mulher branca, era também mulher nordestina, e por isso, estava inserida em uma parte da população que também sofria preconceitos.

época da ditadura varguista que se instaurou no Brasil na década de 30 por possuir livros comunistas e prestar ajuda médica a mulheres do Partido Comunistas:

Mas nem tudo foram “flores” para as mulheres, pois se instaurou em 1937 a ditadura varguista, momento de perseguição aos comunistas, aos intelectuais da esquerda e às organizações de lutas feministas. Durante esse período ditatorial, muitas mulheres foram presas e torturadas, como Olga Prestes, Elisa Berger, Maria Werneck de Castro, Nise da Silveira, Pagu etc (RAMOS, 2004, p. 77 *apud* SCHEFFER, 2016, p. 484).

O relacionamento profissional das duas se inicia no Centro Psiquiátrico Nacional D. Pedro II, no Engenho de Dentro – Rio de Janeiro. Dona Ivone Lara permaneceu trabalhando no hospital psiquiátrico de 1947 até 1977, sendo o ano em que a dama do samba se aposentou como assistente social. Como caracteriza Scheffer, Dona Ivone Lara “durante esse período trabalhou com a dra. Nise da Silveira, que foi sua supervisora e estava iniciando uma proposta terapêutica inovadora, ligada à arte” (SCHEFFER, 2016, p. 491).

Passou a trabalhar com a doutora Nise da Silveira, renomada especialista de doenças mentais que teve em Lara uma grande parceira nas suas inovadoras formas de tratar doença mental no Brasil. Lara tem sempre que contar, em suas entrevistas, como foi trabalhar com a doutora Nise, como a chama. Ela era autorizada pela médica a usar música para trabalhar com os doentes (SANTOS, 2015, p. 68 *apud* PASSOS e MORAES, 2021, p. 79).

Nise da Silveira e Dona Ivone Lara, tornaram-se uma dupla que rendeu bons frutos dentro da saúde mental. As duas profissionais doaram o conhecimento que possuíam para que mudanças pudessem acontecer. Conseqüentemente, uma completou o saber profissional da outra, fazendo com que as propostas se tornassem amplas e potentes. O trabalho em conjunto foi um diferencial para Dona Ivone Lara, que era inserida em uma formação completamente conservadora, mas apesar disso, carregava traços da sua origem, o que fez com que ela tivesse um diferencial:

Nossa pioneira, como as outras, vinha de rigorosa formação religiosa na escola, casou tardiamente para os padrões da época (aos 26 anos) e assumiu a frente da família com a manutenção econômica oriunda de seu trabalho. Acreditamos que seu diferencial seja principalmente na origem de classe social, articulada à sua condição de mulher negra, aliada à cultura negra de sua família (música, religião, dança etc.). Além disso, o trabalho profissional na Casa das Palmeiras, orientado pela dra. Nise da Silveira, abriu amplas possibilidades para inovar sua prática profissional por meio de



grupos, a interdisciplinaridade e o uso de recursos artísticos (SCHEFFER, 2016, p. 492).

Por meio do curso ofertados por Nise da Silveira para formar auxiliares de praxiterapia, Dona Ivone Lara se especializa em Terapia Ocupacional, que no Brasil até a década de 1950 ainda não era uma profissão de ensino técnico e superior como pontua Leite Junior, Farias e Martins (2021). A formação na área foi necessária para sua prática profissional enquanto assistente social, possibilitando que Dona Ivone Lara ampliasse ainda mais os seus conhecimentos, tornando-se uma profissional mais completa para seguir o trabalho ao lado de Nise da Silveira.

Nise da Silveira, portanto, trabalhou no Hospital D. Pedro II no rumo da Terapia Ocupacional, e conseguiu de modo exemplar gerar mudanças significativas para a saúde mental, concebendo assim, bastante material que hoje podem ser lido e/ou visitado pelos pesquisadores e amantes desse universo que assim como as duas profissionais lutam contra os manicômios:

Nise da Silveira já trabalhava no Hospital D. Pedro II, no setor de Terapia Ocupacional, onde estabeleceu os trabalhos que resultaram na criação do Museu de Imagens do Inconsciente, e que acarretaram em diversas transformações nas concepções acerca de “doenças mentais”, em especial a esquizofrenia. Nise da Silveira trouxe propostas de humanização do espaço asilar e questionou o modelo institucional vigente, bem como os métodos terapêuticos invasivos, como o eletrochoque. A médica psiquiatra pode ainda ser entendida como pioneira no questionamento manicomial e na prerrogativa antimanicomial brasileiros (ZACHARIAS, 2020, p. 55).

Dona Ivone Lara em suas pontuações sempre elogia o bom trabalho feito por Nise da Silveira, dizendo quantos talentos foram descobertos por meio do novo tratamento que foi implementado com sua ajuda. Todos esses novos talentos só foram descobertos porque Nise da Silveira e Dona Ivone Lara foram capazes de enfrentar o que já estava posto, olhando com cuidado e afeto para aqueles pacientes.

As duas compreenderam que os preconceitos e tabus podem e devem ser modificados por meio de luta, persistência e resistência. Em diversas entrevistas concedidas por Dona Ivone Lara, onde alguns trechos foram disponibilizados no decorrer do presente trabalho, demonstram como a relação das duas era agradável, e como a prática profissional de cada uma contribuiu para as melhorias que foram impostas no ambiente hospitalar.



Nise da Silveira foi supervisora de Dona Ivone, começando sua carreira com apenas 16 anos de idade. No decorrer da sua trajetória de vida recebeu prêmios, escreveu livros, foi presa na ditadura varguista, e de modo especial, modificou uma instituição que por séculos se tornou mais um espaço de repressão e violência no tecido social:

Nise da Silveira era coordenadora de um setor desprestigiado do hospital: a seção terapêutica ocupacional. Após sua readmissão no serviço público, depois da dura experiência na prisão, em 1944, a psiquiatra questionou as novas técnicas utilizadas – choques elétricos, cardiazólico e insulínico – e negou-se a assistir e aplicar os tratamentos modernos, considerando-os técnicas de tortura. (Calaça, 2001). O resultado foi assumir o setor subalternizado. Em seu percurso, Nise buscou referências teóricas e teve um encontro com a produção e o pensamento de Carl Jung, chegando a trocar cartas com o psiquiatra (PASSOS e MORAES, 2021, p. 80).

**Figura 13** – Nise da Silveira



Fonte: FENSKE (2021)

Não é possível falar sobre saúde mental e Dona Ivone Lara, sem se lembrar de Nise da Silveira, porque ambas as profissionais, com suas realidades distintas, fizeram um trabalho que hoje é admirado e aplaudido por quem luta por uma saúde mental mais humanizada assim como elas. O trabalho conjunto mudou a vida dos pacientes que estavam internados na instituição, e também, modificou a visão dos profissionais inseridos na área.

As duas possuem papel fundamental na luta antimanicomial. O serviço prestado rompeu com o preconceito e o falso tratamento pautado na dor oferecido pelos profissionais da época. Elas demonstraram a forma de inserir tratamentos revolucionários e que funcionam, sendo essenciais para a luta antimanicomial no Brasil. A arte como forma de tratamento se tornou uma inovação que deu certo, a partir disso, todos os pacientes puderam novamente se reconstruir para seguir suas histórias ao lado dos seus familiares e da comunidade como um todo.

### **3.3 Protagonizando rupturas no hospício**

O Serviço Social no decorrer de todos os anos de sua história, esteve presente como uma categoria profissional que participou de alguns movimentos e atos que são completamente contrários ao que a profissão acredita e defende atualmente. Depois de anos de luta e revolução, existe um Serviço Social democrático, que visa a liberdade, mas no início da profissão, e no seu desenvolvimento, a categoria profissional era formada por profissionais pautados no conservadorismo.

Charles Toniolo em 2019, escreveu uma tradução comentada do texto "Histórias horríveis do Serviço Social: cumplicidade e resistência" que é um texto original de Iain Ferguson, Vasilios Ioakimidis e Michael Lavalette. Na tradução comentada, o professor Charles Toniolo disserta em seu texto acontecimentos históricos pautados no conservadorismo, no racismo e no patriarcado que tiveram a participação do Serviço Social.

Conseqüentemente, Dona Ivone Lara na qualidade de assistente social, iniciou seu trabalho em um ambiente totalmente pautado na crueldade, no tradicionalismo, racismo, machismo e violência. Os hospitais psiquiátricos não são as primeiras instituições com esse viés que possuíam assistentes sociais. No texto, o autor mostra como o Serviço Social esteve presente na Alemanha Nazista, dizendo que "assistentes sociais e pedagogos sociais foram diretamente envolvidos no processo de monitorar o desenvolvimento das famílias e doutrinar as crianças" (TONIOLO, 2019, p. 497).

Além disso, "assistentes sociais e enfermeiros tinham a responsabilidade de apresentar a documentação oficial com as considerações dos indivíduos que eles consideravam inadequados" (TONIOLO, 2019, p. 499). O Serviço Social de acordo

com o texto, esteve presente na Espanha sob Franco<sup>12</sup>, na Grécia<sup>13</sup> e também junto com o Darwinismo Social<sup>14</sup>, o texto fala também sobre Serviço Social colonial e crianças indígenas no Canadá, Austrália e Dinamarca, entre outros episódios.

A partir disso, Dona Ivone Lara assim como outras assistentes sociais decidiram trilhar outro caminho e promover rupturas com a profissão pautada no conservadorismo e no tradicionalismo. A dama do samba junto com Nise da Silveira rompeu com os velhos hábitos dos hospitais psiquiátricos. Estas duas mulheres promoveram juntas uma mudança significativa na saúde mental, sendo notória até os dias atuais, mesmo com alguns retrocessos que aconteceram no decorrer da história.

Quando se fala em saúde mental, ouve-se muito falar sobre a psiquiatra Nise da Silveira, mas aqui, sua companheira Dona Ivone Lara ganha o destaque merecido que diversas vezes não é reconhecido. A dama do samba caminhou lado a lado com Nise da Silveira para promover as alterações presentes na saúde mental, modificando a realidade posta. Temos então, duas forças femininas importantes e essenciais para tudo que a saúde mental conquistou até aqui relacionado a mudanças e transformações necessárias dentro da área.

Antes da participação e empenho das duas nos hospitais psiquiátricos, a instituição possuía tratamentos pautados unicamente na violência e humilhação dos seus pacientes. Perante o exposto, aos poucos, elas foram colorindo as paredes frias, trazendo arte e cultura para os pacientes, demonstrando que existia um tratamento adequado sem ser pautado na violência, possibilitando uma melhora significativa para todos os pacientes.

De acordo Zacharias (2020), na década de 80, mudanças significativas começam a acontecer dentro da saúde mental. De acordo com a autora, as instituições começaram a ser palco de debates e críticas, fazendo com que os hospitais psiquiátricos tivessem uma visibilidade maior, algo que não ocorria antes.

Todas essas discussões que preconizavam transformações estruturais, práticas e teóricas sobre o universo da saúde mental, provenientes dos

---

<sup>12</sup> Espanha sob Franco foi o período em que a Espanha passou por uma ditadura imposta pelo ditador Francisco Franco a partir de 1939. Tal período chegou ao fim em 1975 em consequência da morte do ditador.

<sup>13</sup> O momento citado da Grécia no texto é o de quase sessenta anos após o final de guerra civil.

<sup>14</sup> O darwinismo social é uma teoria que busca pontuar que existe uma hierarquia social, ou seja, eles acreditam na superioridade de uma sociedade em detrimento da outra.

debates e críticas sobre instituição e saber psiquiátricos, foram propiciadas pelo Movimento de Luta Antimanicomial. Um dos seus efeitos práticos foi a tentativa de reverter um processo massivo de apagamento das histórias de pessoas institucionalizadas em manicômios (ZACHARIAS, 2020, p. 41).

Os hospitais psiquiátricos tinham um viés completamente moralizador, as internações aconteciam consideráveis vezes a partir de uma visão moral da sociedade. Diversos pacientes foram internados de forma involuntária dentro dessas instituições, sendo adoecidos por meio de práticas profissionais pautadas em um conservadorismo. Posto isto, os pacientes entraram dentro dos hospitais psiquiátricos saudáveis, e por meio dos tratamentos que receberam, acabaram por adoecer:

O alto índice de concepções morais e moralizantes que orientavam a identificação de diagnósticos e mesmo de tratamento foi um dos problemas encontrados pelos agentes da luta antimanicomial, que agora já não acreditavam mais que a institucionalização, tal como então se organizava, seria capaz de curar pessoas, mas era responsável por adoecê-las (ZACHARIAS, 2020, p. 46).

Ainda pautado no que Zacharias (2020) desenvolve em sua tese de mestrado, os mesmos agentes que notaram que a própria instituição causava o adoecimento dos pacientes internados, perceberam que o problema não estava apenas nos hospitais psiquiátricos, mas também, no saber médico. Em decorrência disso, os novos meios de enxergar a saúde mental ocorreram mediante ao movimento que o médico psiquiátrico Franco Basaglia<sup>15</sup> iniciava na Itália, recebendo o nome de “A psiquiatria democrática”.

Esse movimento tinha como função “[...] o fechamento das instituições manicomiais para que os “usuários” de serviços em saúde restabelecessem – ou não perdessem – sua vida social, criando, no lugar dos manicômios, centros de atendimento nas comunidades” (ZACHARIAS, 2020, p. 47). Contudo, Nise da Silveira já tinha iniciado algumas modificações dentro do saber médico no Brasil, ou seja, desde 1950, a psiquiatra mostrava sua repulsa contra o eletrochoque e já demonstrava uma nova forma de cuidado psiquiátrico no Brasil:

---

<sup>15</sup> Franco Basaglia foi um psiquiatra italiano, sendo um dos revolucionários na luta antimanicomial. Tornou-se um símbolo da reforma psiquiátrica no Brasil.

Faz-se necessário pontuar, contudo, que Nise da Silveira já defendia, desde a década de 1950, o fim do eletrochoque, aplicava a arte como terapia e questionava o modelo asilar no Rio de Janeiro. Entre seus grandes feitos na área da psiquiatria, destaco a criação, em 1946, da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, e a inauguração, em 1956, da Casa das Palmeiras – clínica que oferecia tratamento em regime de externato, propondo uma alternativa aos manicômios no Brasil (ZACHARIAS, 2020, p. 47).

Foi por meio da arte que tudo mudou de rumo. Foi através da música que a ruptura aconteceu. Dona Ivone Lara além de incluir tudo isso aos pacientes ainda trouxe novamente a família para perto, fazendo com que a mesma participasse do tratamento, rompendo com mais um estigma reproduzido pelos indivíduos sociais. Ela resgatou o afeto também dos parentes, e demonstrou como na verdade os pacientes não precisam e não podem ser isolados, constatando que os mesmos devem estar diante de um convívio social, algo que foi reforçado por meio da luta antimanicomial:

A reforma permitiu que os internos voltassem a ser entendidos como sujeitos sociais, com histórias de família e percursos de vida. Essa foi uma percepção importante para que os profissionais da saúde comesçassem a pensar além do sintoma, porque reduzir cada pessoa ao seu diagnóstico culmina, necessariamente, em uma desqualificação do que se entende como patologia e loucura (ZACHARIAS, 2020, p. 67).

O trabalho de mudança que já estava sendo elaborado por Dona Ivone Lara e Nise da Silveira foi ganhando ainda mais força nacional e se espalhando para outros hospitais psiquiátricos. Aos poucos, a reforma psiquiátrica foi acontecendo, gerando um remanejamento de tratamento e de postura dos profissionais que trabalhavam dentro das instituições. De acordo Zacharias (2020), é necessário lembrar que a reforma psiquiátrica no Brasil aconteceu de forma conjunta com a reforma sanitária:

Por terem ocorrido conjuntamente, foram pensadas as Comunidades Terapêuticas, espaços alternativos para tratamento e moradia dos pacientes com a finalidade de abolir os hospitais psiquiátricos. Além delas, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Leitos de Atenção Integral em Hospital Geral (Lai HG), entre outras instituições, permitindo que o hospital psiquiátrico fosse fragmentado em diferentes unidades atendidas por equipes multidisciplinares – formadas por psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, enfermeiros, médicos, entre outros (ZACHARIAS, 2020, p. 68).

A batalha diária para dar continuidade as rupturas alcançadas dentro da saúde mental depois da reforma psiquiátrica permaneceram acontecendo, porque com as comunidades terapêuticas ganhando espaço, percebeu-se que na verdade, as atitudes não mudaram, apenas foram ocultadas como disserta Zacharias (2020). As comunidades terapêuticas ao invés de prosseguir com o que foi conquistado por meio de uma abundante luta, deram continuidade ao tratamento por meio da violência e repressão.

Novamente o conservadorismo ganhou vez dentro do tratamento psiquiátrico. Essas denúncias em relação as Comunidades Terapêuticas “partem de usuários, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais e outros, principalmente em encontros e debates que pretendem assegurar os direitos conquistados pela reforma psiquiátrica” (ZACHARIAS, 2020, p. 69).

O trabalho que a dama do samba e a psiquiatra Nise da Silveira iniciaram renderam bons frutos, apesar de toda a dificuldade de fazer com que a mudanças se concretizassem e tivessem continuidade ao longo do tempo. O trabalho delas não foi fácil, duas mulheres – dentre elas uma mulher negra e outra nordestina no Rio de Janeiro – querendo romper com paradigmas dentro de um espaço machista, racista e elitista, obviamente sofreram bastante para chegar onde desejavam.

Duas mulheres que foram além do que estava posto na sociedade que usava os hospitais psiquiátricos como navios negreiros daquela época, merecem todo o reconhecimento possível de quem hoje luta para dar continuidade ao processo. Romper com os paradigmas dos hospícios exigiu delas coragem, resistência e força. Dona Ivone Lara vivenciou de perto a dor de ver os seus semelhantes serem colocados em um lugar de dor novamente.

A dama do samba todos os dias lutava contra a forma com que os hospícios da época se desenvolviam. Ela lutou contra as chicotadas que foram transformadas em eletrochoques, contra a internação involuntária que lembrava a escravidão forçada e novamente involuntária que o povo negro sofreu no início da escravidão. Mais uma vez homens negros e mulheres negras eram retirados de sua humanidade e forçados a viverem a margem do tecido social, e assim como seus ancestrais, não assistiu a tudo isso parada, lutou e fez história. Rompeu com os preconceitos dentro da área que iniciou e terminou sua trajetória profissional.

**Figura 14** – Atividade dos pacientes do hospital psiquiátrico



Fonte: Ocupação Nise da Silveira\Itaú Cultural (2016)

**Figura 15** – Paciente do hospital psiquiátrico pintando



Fonte: Ocupação Nise da Silveira\Itaú Cultural (2016)

O psiquiatra italiano Franco Basaglia diz que os manicômios existiam como uma espécie de instituição de dor e sofrimento. Esta afirmação demonstra que o sustento do sistema capitalista acontece por meio das instituições de violência. Portanto, é por consequência do racismo – que estrutura o sistema capitalista e que foi construído em cima da violência cometida com esses corpos – que o modelo manicomial em nada assustava e causava comoção do tecido social.



Mesmo com a reforma psiquiátrica, ainda era possível observar atitudes que aconteciam dentro dos manicômios, pois a naturalização dos corpos negros em sofrimento está presente na sociedade, sendo reforçada no século XXI com a necropolítica, um conceito desenvolvido por Joseph-Achille Mbembe, um teórico político, filósofo e historiador negro que pontuou sobre o conceito da necropolítica (2002-2003), logo após os ataques que aconteceram no dia 11 de setembro nos Estados Unidos.

Consoante a isso, a necropolítica é uma política administrável de morte. Assim sendo, existem grupos dentro do tecido social que podem ser mortos sem gerar nenhum tipo de comoção, e sem o assassino ser considerado culpado, porque a população que morre é considerada sem valor. Diante disso, a parcela matável e explorada é a população negra e pobre do Brasil.

Em vista disso, torna-se necessário entender que os manicômios foram criados como uma forma de reforçar o racismo já existente e fortalecer o sistema capitalista e funcionalizar o racismo estrutural sobre o qual se emergiu o capitalismo periférico brasileiro, sendo uma instituição de silenciamento daqueles que eram considerados inferiores, que não se encontravam no padrão considerado perfeito e aceito.

Logo, o manicômio é uma instituição que propaga preconceitos impregnados pela classe dominante, que tem como intuito dar continuidade a violência que está presente dentro da história do Brasil desde que os portugueses pisaram nas terras ocupadas pelos povos originários, iniciando a violência com os povos vistos como inferiores, e que de acordo com eles, não conheciam a civilização.



## **4 DONA IVONE LARA E O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO**

### **4.1 O que temos produzido sobre a sambista assistente social?**

No decorrer do presente trabalho, foi descrito que a dama do samba é precursora em diferentes setores, e o Serviço Social é um deles. Dona Ivone Lara não foi apenas mais uma assistente social, ela foi uma das primeiras assistentes sociais negras da cidade do Rio de Janeiro. Consoante a isso, o Serviço Social tem produzido conhecimento teórico sobre a dama do samba e sua trajetória profissional dentro da profissão?

Essa pergunta pode ser respondida de forma rápida: Não, o Serviço Social não está produzindo conhecimento teórico sobre Dona Ivone Lara na proporção que toda sua trajetória profissional merece. Quantas assistentes sociais sabem que a dama do samba se formou em Serviço Social? Quantos profissionais sabem que ela foi uma das primeiras assistentes sociais negras no Rio de Janeiro? A categoria profissional sabe que ela provocou rupturas importantes dentro da saúde mental?

São diversas perguntas, que, por meio do desenvolvimento deste capítulo, tentaremos responder de forma objetiva e verdadeira. Vale ressaltar aqui, que o objetivo é compreender o que o Serviço social anda produzido sobre a sambista assistente social, o que conseguimos encontrar sobre a profissional que Dona Ivone Lara foi para o Serviço Social.

Quem dedica-se bastante para trazer conteúdos sobre Dona Ivone Lara e o Serviço Social é a professora Graziela Scheffer, sendo citada de forma regular no presente trabalho. Graziela Scheffer possui alguns textos em que desenvolve a ligação da dama do samba com a profissão de assistente social desenvolvida por ela. A professora Graziela Scheffer é formada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), possuindo uma especialização em saúde mental coletiva e integrada. Fez mestrado e doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Percebe-se que a maior parte dos textos relacionados a dama do samba fazem menção sobre sua carreira na música, ou seja, no universo do samba. Nos textos que buscaram relatar sua trajetória de vida, encontram-se suas formações adquiridas ao longo dos anos e sua importância para a saúde mental. Mas se formos

buscar por trabalhos realizados pelo Serviço Social e para a profissão, não existe quase nada para ser lido sobre a relação de Dona Ivone Lara e o Serviço Social.

Com isso, outra pergunta surge: como uma assistente social negra, pioneira dentro da profissão, não possui textos feitos pela própria categoria profissional? Encontramos trabalhos bons sobre dona Ivone Lara fora do Serviço Social, como por exemplo, a tese de mestrado de Burns (2006), de antropologia social. Tese de mestrado bastante citada nos demais trabalhos encontrados sobre a dama do samba no Brasil.

O que se encontra majoritariamente sobre Dona Ivone Lara são textos publicados em sites disponíveis na internet. A grande maioria são textos curtos e objetivos que contam rapidamente a trajetória de vida de Dona Ivone Lara e sua importância no interior de suas profissões e da área na qual dedicou-se integralmente, ou seja, a saúde mental.

Além dos pontos mencionados acima, existe na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ), um coletivo de negros e negras que recebe o nome da dama do samba e assistente social Dona Ivone Lara. O coletivo possui o rosto e o nome da assistente social: “Coletivo de negros e negras Dona Ivone Lara da UFRJ”. Dessa forma, esses estudantes e futuros(as) assistentes sociais sabem da importância da dama do samba para a profissão, e estamparam o rosto dela na arte do coletivo.

Apesar da sua importância na saúde mental, e do seu trabalho ao lado de Nise da Silveira, inúmeros textos citam a relevância da psiquiatra para o setor da saúde mental, sem citar a sua companheira Dona Ivone Lara, que também rompeu com diversas amarras dentro do hospital psiquiátrico, realizando um trabalho de extrema importância com a família dos pacientes. Em alguns momentos, a mesma é até citada, mas de maneira breve, e como se fosse apenas mais uma profissional que trabalhou ao lado de Nise da Silveira, sem desenvolver um texto pontuando sobre Dona Ivone Lara com o devido valor que ela merece.

Quando paramos para observar tal questão, percebemos o quanto mulheres negras são esquecidas e apagadas da história. Mulheres negras que tiveram uma participação histórica, mas que são deixadas de lado apesar de todo feito. O presente trabalho busca assinalar sobre Dona Ivone Lara e toda a sua importância, mas quando falamos sobre seus feitos dentro da saúde mental, citamos em todos os momentos a Dra. Nise da Silveira, porque foi um trabalho conjunto, e não individual.

Diante do exposto, o Serviço Social precisa avançar em relação ao material produzido sobre Dona Ivone Lara, porque é necessário e urgente desenvolver artigos, textos e trabalhos sobre quem foi pioneira dentro da profissão. Na verdade, o Serviço Social precisa avançar não só no ponto específico que aqui está sendo levantado – bibliografias sobre Dona Ivone Lara e Serviço Social – mas, sobretudo, sobre textos falando de negritude e racismo em geral no Brasil.

A maior parte dos usuários do Serviço Social, de acordo com Costa (2017), são mulheres negras – principalmente na política de assistência social – e por isso, é necessário formar assistentes sociais, e fazer com que os antigos se reatualizem sobre profissionais e autores negros. Como a categoria profissional pode atender as demandas que chegam até eles atravessadas pela questão racial sem ter mergulhado sobre o assunto no decorrer da graduação? O Serviço Social não pode prosseguir sem debater e conhecer mais sobre profissionais negras como Dona Ivone Lara.

Consoante a isso, mesmo com a população negra sendo a maioria nos atendimentos do Serviço Social, os profissionais seguem ignorando a questão do debate étnico-racial na sua prática profissional. Mesmo percebendo que os usuários que chegam na instituição de atuação da categoria profissional são negros e que são relatados casos de racismo pelos próprios indivíduos, alguns assistentes sociais permanecem sem criar meios para que o assunto seja desenvolvido e até mesmo não perguntam a raça do usuário no momento do atendimento de acordo com Moreira (2020), que pontua em seu texto dados em relação ao serviço oferecido por assistentes sociais aos seus usuários feito pelo CRESS-SP:

Mesmo constatando que a população negra é a maioria usuária dos serviços em que atuamos, há uma parcela considerável de profissionais que, contraditoriamente, não entendem como importante discutir sobre racismo. Isso pode ser evidenciado nos resultados parciais de uma pesquisa realizada pelo CRESSSP, através do Comitê de Assistentes Sociais no Combate ao Racismo. Um dado que merece reflexão é que 49% dos/as profissionais já presenciaram situações de preconceito/discriminação sofrido por usuários/as, porém, 61% alegaram que em seus espaços sócio ocupacionais não há nenhuma atividade ou discussão com a população usuária sobre a questão étnico-racial. Além disso, 35% relataram também que não utilizam o quesito raça/cor nos instrumentais de atendimento, pois não se trata de algo importante e que a profissão ainda não viu essa necessidade (MOREIRA, 2020, p. 88).

O Serviço Social não pode ser uma profissão neutra diante das expressões da questão social e dos preconceitos postos no tecido social. Com o seu trabalho diretamente ligado ao usuário e suas demandas, o profissional precisa sair da neutralidade em que se encontra, buscando colocar em prática os princípios do seu código de ética que diz aquilo que o assistente social deve seguir. Portanto, o profissional do Serviço Social apesar de estar dentro de uma contradição perante a sociedade capitalista, precisa compreender que como classe trabalhadora necessita fazer uma prática voltada para os indivíduos que buscam o seu serviço.

Logo, é princípio do assistente social de acordo com código de ética vigente (1993) o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, um exercício profissional sem ser discriminado e sem discriminar, garantindo o pluralismo. À vista disso, o assistente social não pode ter atitudes racistas e preconceituosas, ele precisa buscar romper com qualquer atitude nesse sentido no decorrer do seu trabalho, transformando atitudes racistas em formas de enfrentamento do racismo estrutural via descolonização do ser, do saber e do poder<sup>16</sup>.

Questiono então a teoria e a prática do Serviço Social, especialmente do Serviço Social realizado em uma linha de atuação de transformação social, cuja prática se dá em meio a relações sociais geradas por uma estrutura econômico-política comprovadamente racista. Assim, não se justificam a omissão e a neutralidade profissional diante da questão étnico-racial. Uma vez que o racismo e o preconceito fazem parte das relações de dominação e exploração, é o assistente social - que tem como principal função trabalhar as relações sociais através de uma ação educativa, visando à consciência e à participação - um profissional indispensável para eliminação das situações de discriminação em que vivemos (PINTO, 2003, p. 28 *apud* LIRA, 2019, p. 121).

Diante disso, “a dificuldade de se reconhecer o(a) negro(a) no Brasil, estaria intimamente relacionada ao fato de que reconhecê-lo seria o mesmo que reconhecer as desigualdades que se plasmam assentadas na raça” (COSTA, 2017, p. 237). Portanto, o fato da população negra dificilmente ser reconhecida, está totalmente

---

<sup>16</sup> Existe estudos sobre a colonialidade do ser, do saber e do poder. A colonialidade é uma herança do colonialismo, existindo assim a colonialidade do ser, que é o sentimento de subordinação deixado que toma conta do ser; A colonialidade do saber, onde os estudos serão centralizados na Europa e EUA, sendo citado por eles a ciência verdadeira; E a colinialidade do poder, onde a estrutura do Estado Moderno permanece mesmo depois da saída das tropas colônias, uniformizado e atacando a diversidade.

interligada ao mito da democracia racial<sup>17</sup> posta na sociedade brasileira. Entretanto, segundo Costa (2017), na tentativa de transparecer que não existe uma desigualdade – por meio de uma falsa igualdade – as diferenças são negadas, e com isso, não são superadas.

Embora atualmente tenhamos um número maior de pesquisas alicerçadas no feminismo negro, no pensamento antirracista e nas mulheres negras produzindo conhecimento em diversas áreas, estas ainda são invisibilizadas e desautorizadas a falar. Se as publicações sobre a população negra são escassas, a produção historiográfica e técnica sobre a articulação de classe, gênero e raça/etnia é ainda menor. Aqui, adota-se a posição de que não é possível pactuar com “as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno<sup>11</sup> silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde posso falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido” (SPIVAK, 2018, p.14 apud LIRA, 2019, p.21).

Em suma, a categoria profissional em certos momentos ainda possui uma dificuldade de furar a bolha racial na qual estão integrados, e romper com o senso comum no qual foram inseridos. Todavia, os profissionais de Serviço Social precisam romper com essa visão construída com base no senso comum e do mito da democracia racial:

De acordo com Eurico (2011), a percepção dos profissionais de Serviço Social sobre o racismo no Brasil é permeada, via de regra, por distorções quanto aos determinantes históricos que fortalecem tal ideologia e reitera ideias presentes na vida cotidiana e absorvidas pelo senso comum. Quando indagados sobre as implicações dos valores morais do profissional no atendimento ao usuário, os profissionais admitem que eles podem interferir negativamente e traduzir-se em atitudes preconceituosas, se não houver uma apreensão do sujeito, na sua totalidade, mas tal reflexão permanece no campo abstrato. Há uma dificuldade em materializar tais elementos em práticas democráticas (EURICO, 2017, p. 423).

Dona Ivone Lara com seu pioneirismo dentro da profissão enquanto mulher negra fez muito pela categoria, ou seja, deu os primeiros passos para que a categoria como todo continue avançando na questão dos estudos raciais dentro da

---

<sup>17</sup> A democracia racial se concretiza no Brasil de modo mais efetivo por meio do autor Gilberto Freyre, quando publica seu livro “Casa grande e senzala” em 1933. No texto, Gilberto Freyre desenha um Brasil sem racismo e uma miscigenação bonita de ser vista, sem levar em consideração que ela só aconteceu em consequência do estupro cometido contra os corpos negros. Dessa forma, Florestan Fernandes é um dos estudiosos que vem afirmar que não existe nenhum tipo de democracia racial no Brasil, que o racismo presente desde o Brasil Colônia segue presente no dia a dia da população negra, mesmo se compararmos o Brasil com os Estados Unidos, pois, foi por meio dessa comparação que afirmavam a existência da democracia racial na sociedade brasileira, na tentativa de vender a ideia de um Brasil livre de qualquer preconceito racial.

profissão. Apesar de todo avanço, ainda existe muito a ser feito quando o assunto é material teórico sobre personalidades negras do Serviço Social e a vivência dos corpos negros que são usuários dos assistentes sociais, portanto, estão diariamente envolvidos na rotina desses profissionais.

Nesse sentido, é inegável a contribuição das pioneiras na introdução da temática étnica-racial e gênero na categoria, contudo é preciso avançar, enquanto mulheres negras estiverem na base de indicadores sociais, econômicos e de violência, é preciso que toda a categoria consiga compreender que em um país tão desigual, a intersecção classe, gênero e raça não é opção, deve ser um dos fundamentos básicos de sua atuação profissional (LIRA, 2019, p. 149).

Destarte, ao longo de algumas buscas por produções do Serviço Social, conclui-se que a profissão precisa avançar, e assim, produzir mais trabalhos científicos para serem compartilhados com a categoria profissional e outras profissões em relação a assistentes sociais negras. Dona Ivone Lara é disputada pelas profissões que exerceu, no samba ela é considerada a dama desse universo, na Enfermagem é chamada de madrinha, na Terapia Ocupacional possui uma importância significativa, e na profissão de assistente social, que foi pioneira e se aposentou exercendo, existe pouca produção para o que ela significa dentro da categoria profissional.

Consoante a isso, conclui-se, que Dona Ivone Lara ainda precisa de mais reconhecimento dentro do Serviço Social. O que existe atualmente é pouco, sendo necessário a criação de mais trabalhos acadêmicos sobre a dama do samba, fazendo com que a categoria profissional reconheça a importância da mesma dentro da profissão e da saúde mental. A partir desse conhecimento e das leituras sobre o serviço de Dona Ivone enquanto assistente social, a categoria profissional consegue ter acesso a grandiosidade do trabalho silencioso da dama do samba através da saúde mental na sociedade brasileira.

#### **4.2 Protagonismo ou pioneirismo?**

Para dizer se Dona Ivone Lara foi protagonista ou pioneira dentro do Serviço Social, se faz necessário primeiramente compreender o significado das respectivas palavras, com o intuito de descrever e caracterizar a dama do samba. Portanto, ser protagonista consiste em desfrutar um papel de destaque, ser o indivíduo principal

da trama.<sup>18</sup> Em relação à palavra pioneira, o seu significado está ligado a desbravadora, precursora, ou seja, pessoa que descobriu novos lugares, abrindo caminhos que antes não existiam.<sup>19</sup>

De acordo com o significado das palavras, é notório que a dama do samba se enquadra nas duas definições, entretanto, o protagonismo, inúmeras vezes, não é reconhecido por quem visualiza de fora, pois existe um olhar limitado. Em suma, se o protagonismo de Dona Ivone pode ser “negado”, o seu pioneirismo é inevitável de ser descrito e visto. Porém, observando as duas palavras e a trajetória de vida da dama do samba, nota-se que ser protagonista depois que algo já está posto é possível, no entanto, desbravar um caminho sozinha é um exercício ainda mais trabalhoso.

Por conseguinte, Dona Ivone Lara apesar de possuir além de um pioneirismo, um protagonismo legítimo, é diversas vezes apagada, e por isso, o que mais se reconhece, ou melhor pontuando, o que não é possível modificar, é sua história de pioneirismo dentro do Serviço Social. No mundo do samba, o reconhecimento do protagonismo de Dona Ivone Lara existe, sendo muito respeitado, mas tal apagamento não ocorre apenas com a dama do samba, mas com todo o povo negro e sua história devido as relações de poder que cercam a sociedade:

Nesta direção, propomos a imersão em sua narrativa, na busca de romper com a sistemática invisibilização das fundamentais contribuições do povo negro. Esse reconhecimento vai ao encontro do que Trouillot (1995), em sua obra *Silenciando o passado*, apresenta sobre como a produção de conhecimento histórico é mediada por relações de poder, discutindo que, ontologicamente, intelectuais europeus atribuíam às pessoas negras um lugar de incapacidade na produção de obras de valor e destaque. Munanga (2015, p. 31) corrobora tal afirmativa ao fortalecer que a história da África foi negada na historiografia colonial, e “a história do negro no Brasil passou pela mesma estratégia de falsificação e de negação e quando foi contada foi do ponto de vista do outro e de seus interesses”. Assim, a história de grupos sociais subalternos é colocada de forma degradada e episódica, sendo central o exercício de identificar e se aprofundar nessas histórias invisibilizadas das narrativas oficiais (GRAMSCI, 2002 *apud* LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021 p. 3).

A dama do samba torna-se pioneira dentro do Serviço Social pelo fato de ter sido uma das primeiras assistentes sociais negras no Rio de Janeiro. Todavia,

---

<sup>18</sup> O significado da palavra “protagonista” foi retirado do dicionário online de português que pode ser acessado pelo link: <https://www.dicio.com.br/protagonista/>

<sup>19</sup> O Significado da palavra “pioneira” foi retirado do dicionário online de português que pode ser acessado pelo link: <https://www.dicio.com.br/pioneira/>

apesar de ter se formado em um período que a profissão ainda estava submersa dentro de um tradicionalismo e conservadorismo, possuiu uma prática profissional, no que era possível, mais crítica. A cidade do Rio de Janeiro foi o local em que “a formação técnica especializada para a prática da assistência surge” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 190), e por causa disso, a dama do samba se integra aos estudos de Serviço Social na cidade em que surge os primeiros passos para a formação e integração da profissão.

Com isso, a cidade do Rio de Janeiro torna-se um local importante para a construção da profissão, juntamente com a cidade de São Paulo. Diante disso, depois do surgimento da formação técnica, outros Institutos para estudar Serviço Social foram sendo construídos e a profissão foi ganhando mais espaço:

Em 1937 Instituto de Educação Familiar e Social – composto das Escolas de Serviço Social (Instituto Social) e Educação Familiar – por iniciativa do grupo de Ação Social (GAS), em 1938 a Escola Técnica de Serviço Social, por iniciativa do Juízo de Menores e, em 1940, é introduzido o curso de Preparação em Trabalho Social na Escola de Enfermagem Ana Nery (escola federal). Em 1944, a Escola de Serviço Social, como desdobramento masculino do Instituto Social (IAMAMOTO e CARVALHO 2014, p. 192).

No entanto, apesar de estar submersa em um período de conservadorismo da profissão, Dona Ivone Lara já inicia sua carreira profissional rompendo com algumas barreiras daquele período, tornando-se assim, pioneira na profissão. Vale ressaltar que quando se fala em pioneirismo dentro do Serviço Social, precisa-se compreender o período no qual a profissional está integrada, para que assim, seja possível entender os avanços para a época detalhada.

Consoante a isso, a dama do samba se integra ao Serviço Social em um período em que não existiam muitas profissionais negras – tornando-se ela uma das primeiras – e a profissão ainda estava voltada para a filantropia ligada à Igreja Católica. Todavia, a dama do samba foi uma assistente social além do seu tempo, uma mulher que conseguiu enxergar mais do que estava posto, sendo protagonista dentro da história da profissão.

Por isso, apesar dos feitos que rompiam com diversos preconceitos e características da época, todas as profissionais tinham sua base técnica nos limites que eram colocados naquele momento da história, gerando transformações para o que era possível de ser alcançado naquele determinado tempo histórico. As



pioneiras do Serviço Social, portanto, tinham uma base conservadora, o que barrou uma prática profissional mais revolucionária para a época, mas apesar dos limites, essas assistentes sociais fizeram diferença, porém, de forma limitada por consequência desse viés conservador e moralizador:

Destaca-se que embora as pioneiras tenham protagonizado realizações significativas para o seu tempo, suas trajetórias profissionais são tecidas sob a influência conservadorismo, o qual é restaurador e preservador da autoridade moral (YAZBEK, 2009). Dentre as características do pensamento conservador, destacam-se (IAMAMOTO, 2013): a vocação para um modo de vida do passado, baseado na tradição, na autoridade e nos costumes; a compreensão da sociedade em entidades orgânicas articuladas, tendo a família como modelo; a valorização da individualidade e a compreensão da liberdade restrita à vida privada e subordinada aos princípios da ordem nas relações externas (MIZOGUCHI *et al.*, 2021, p. 299).

A dama do samba é pioneira dentro do Serviço Social por ser uma das primeiras assistentes sociais negras da cidade do Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo, é protagonista dentro da profissão por consequência dos seus feitos enquanto assistente social dentro da saúde mental. Consequentemente, Dona Ivone Lara possui as duas características dentro da categoria profissional, sendo notório sua importância dentro do Serviço Social e dos passos dados pela profissão rumo ao um processo de reconceituação mais adiante.

Foi por meio do seu pioneirismo e da sua inserção dentro da classe trabalhadora e do mundo do samba, que Dona Ivone Lara conseguiu um protagonismo dentro da profissão, pois foi além do que o tradicionalismo do seu tempo permitia, rompendo com o racismo, machismo e patriarcado presentes no decorrer do seu trajeto profissional e pessoal. A partir disso, gerou transformações significativas e essenciais para os setores em que trabalhou, em especial, dentro do hospital psiquiátrico como assistente social.

A prática de Dona Ivone Lara como profissional habilitada do Serviço Social foi cercada de mudanças, ela incluiu novas formas de saber profissional, inserindo os familiares e a comunidade no tratamento, além de incluir a arte para que o seu contato com o paciente fosse além de um atendimento tecnicista e burocrático que fazia parte do trabalho do Serviço Social nos hospitais psiquiátricos.

Mais uma vez a dama do samba mostrou o quanto foi entregue em todos os seus trabalhos, sendo pioneira na maior parte deles, e protagonista em todos, sem qualquer resquício de dúvidas. Ela foi potente e totalmente à frente do seu tempo.

Dona Ivone Lara alcançou feitos inéditos no interior das suas profissões e por isso é vista e reconhecida por esse protagonismo único. Contudo, duas palavras não são suficientes para descrever a dama do samba, ela possui diversas características impactantes e que foram desenvolvidas ao longo do seu serviço.

Portanto, Dona Ivone Lara foi pioneira e protagonista, foi revolucionária e potente apesar de todas as limitações que enfrentou ao longo da caminhada. Com seus feitos singelos, porém, inovadores, fez o Serviço social alcançar um outro patamar não apenas na saúde mental, mas nas demais áreas de atuação da profissão, sendo um exemplo para toda a categoria profissional.

Devagarinho ela foi pisando no chão da sociedade brasileira, e assim, foi trilhando seu caminho no samba, na enfermagem, na terapia ocupacional e de modo especial, no Serviço Social e na saúde mental. Devagarinho ela foi gerando mudanças verdadeiras e necessárias. Devagarinho e com muita potência tornou-se pioneira e ao mesmo tempo protagonista. Devagarinho e com muita força abriu caminho para outras mulheres negras se tornarem tudo o que desejassem, como ser assistente social, por exemplo.<sup>20</sup>

### **4.3 O legado para a profissão**

É inevitável ler sobre Dona Ivone Lara e sua prática profissional enquanto assistente social e perceber que por causa do seu pioneirismo e protagonismo ela deixou para a profissão um legado indiscutível, como foi caracterizado acima. A dama do samba transformou a profissão no decorrer da sua prática profissional, possuindo uma visão ampla de mudanças que precisavam ser inseridas dentro da saúde mental enquanto assistente social.

Por causa do seu legado, a profissão lembra da dama do samba com cuidado e carinho. Foi pontuado ao longo do trabalho os feitos dela dentro da profissão, ao mesmo tempo que foi dito que existe um apagamento proposital. Os feitos de pessoas negras no decorrer da história brasileira, inclusive dentro das profissões, são na maioria das vezes escondidos ou inferiorizados, algo que

---

<sup>20</sup> A palavra “devagarinho” utilizada no desenvolvimento do parágrafo possui ligação com a música “Alguém me avisou” de Dona Ivone Lara, que pode ser ouvida em diversas plataformas digitais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWtEjn2u-nY>

acontece com Dona Ivone Lara, mas que por meio desse trabalho busca-se modificar.

De acordo com Costa (2003) citado em um trabalho sobre Serviço Social e pioneirismo que recebe o título de “História do Serviço Social – resgatando uma história de mulheres”, atualmente busca-se pontuar também sobre os feitos daqueles que não são vistos como “grandes homens” e que possuíram “grandes feitos”. Portanto, a cada dia que passa trabalhos e pesquisas sobre indivíduos presentes no cotidiano da sociedade que executaram feitos importantes, entretanto, discretos, estão ganhando lugar, como é o caso de Dona Ivone Lara.

Para Costa (2003) o que realmente mudou foi a perspectiva – já não interessa mais narrar apenas os ‘grandes feitos’ dos ‘grandes homens’. Como afirma essa autora, os estudos biográficos, as histórias de vida, que se referem à diversidade das pessoas e a sua pluralidade muitas vezes esquecida, representam uma dupla mudança nas abordagens no campo da história: do homem incomum para o comum; do sujeito único para o múltiplo. Um dos maiores desafios está na constatação de que homens e mulheres comuns ou incomuns vivem experiências diversas em relação aos processos sociais (FREITAS *et al*, 2018, p. 230).

Por causa do seu legado, a dama do samba assistente social é homenageada e citada por outros profissionais que sabem da sua potência e importância para o Serviço Social. Esse carinho e admiração que existe na profissão possui uma via de mão dupla, porque a mesma demonstrou nos momentos em que falou sobre a profissão de assistente social sua felicidade em recordar seu legado no interior do Serviço Social. Dessa forma, na figura dezesseis temos Dona Ivone Lara segurando um livro elaborado pela Revista Serviço Social e Sociedade comemorando os oitenta anos da profissão.

Como profissional do Serviço Social, Dona Ivone Lara rompeu com muitos estigmas, e transformou a atuação profissional não apenas na saúde mental, mas em outros setores em que existe algum assistente social. A prática que exerceu dentro do hospital psiquiátrico se tornou exemplo para a categoria profissional em qualquer política social, não apenas a da saúde/saúde mental. Diante da sua prática profissional, a assistente social desenvolveu diversos trabalhos e meios para exercer a profissão de maneira nova e criativa, deixando assim seu legado para a profissão.

Pelo relato de Yvonne, identificamos que ela utilizou de recursos que possibilitaram o alcance das demandas daquele grupo. Suas práticas

envolviam desde a ida até a casa dos sujeitos que estavam internados, até o uso da música. Com isso, buscava acessar os sujeitos, articular e viabilizar o retorno para a família, o que podemos ler como processos de desinstitucionalização, ainda que vigorasse, naquela época, a lógica manicomial. De acordo com Scheffer (2016, p. 491), enquanto integrante de um grupo de pioneiras, Yvonne “era responsável por fazer articulação extramuros entre paciente, família e comunidade” (LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021, p. 8).

**Figura 16** – Dona Ivone segurando um livro do Serviço Social



Fonte: CRESS – RJ

No decorrer do presente trabalho, foram citadas as práticas exercidas por Dona Ivone Lara, a dama do samba inseriu música no tratamento dos pacientes de forma conjunta ao tratamento desenvolvido por Nise da Silveira por meio da arte. A assistente social introduziu além da melodia, os familiares dos pacientes nos tratamentos, rodando as cidades vizinhas ao hospital em busca deles e fazendo com que os mesmos tivessem participação ativa no tratamento.

O “uso da música e o trabalho com as famílias dos sujeitos internados, especialmente naquele tempo, traz à tona suas contribuições para o avanço no cuidado humanizado” (VASCONCELOS, 2000 *apud* LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021, p. 8). Dona Ivone Lara conseguiu enxergar a necessidade de mudanças dentro do campo da saúde mental, e percebeu que o trabalho do Serviço Social dentro dessa área era necessário e fazia a diferença no tratamento dos pacientes, tornando-se assim uma profissão essencial para esse campo de atuação.

A dama do samba chega a relatar através da história de um dos pacientes que teve contato, como essa nova forma de exercer a prática profissional fez a diferença na vida daqueles que estavam inseridos no hospital psiquiátrico:

Tinha o Ribamar, que era catatônico. Vivia lá, esquecido pela família, quase sem falar. Um dia, estávamos ouvindo uma outra doente tocar piano e comecei a cantar. Ele prestou atenção e ficou admirando... Até que me disse que era músico. Depois, vim a saber que tinha sido clarinetista da Orquestra Tabajara. E passou a tocar nas festas do hospital. Melhorou de um dia para o outro. Uma coisa impressionante! Fui à casa dele conversar com os familiares, que passaram a visitá-lo. E ele ficou curado. Dali a um tempo, saiu de lá bonzinho! (BURNS, 2009, p. 8 *apud* LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021, p. 9).

Dona Ivone morreu aos 97 anos de idade deixando um legado para o Serviço Social, sendo lembrada – mesmo sendo pouco comparado a sua grandeza – pela profissão que exerceu com tanto respeito e dedicação ao longo da vida. O Serviço Social disputa com as demais profissões de Dona Ivone Lara o legado que a dama do samba deixou para cada uma. Mas foi como assistente social que Dona Ivone Lara se aposentou, e mesmo depois da aposentadoria falava sobre a profissão com muito carinho e orgulho como já foi pontuado.

A dama do samba deixa como legado para a profissão a resistência para seguir na luta, porque enquanto mulheres negras eram taxadas como inferiores Dona Ivone Lara mostrava que não permitia ser caracterizada dessa maneira, pois ela frequentava espaços em que mulheres tinham outra colocação, “espaços onde o gênero feminino não contava simplesmente com a possibilidade de ascensão, mas liderava. Os terreiros de candomblé constituíam uma dessas esferas” (Burns, 2009, p. 17 *apud* SCHEFFER, 2021, n.p).

Dentro da saúde mental, a dama do samba caracterizava a importância do seu trabalho como assistente social, principalmente com a prática profissional exercida na equipe de Nise da Silveira. A psiquiatra necessitava do Serviço Social para um melhor desempenho no tratamento dos pacientes por meio das técnicas e do serviço das profissionais presentes na instituição:

Ela se serviu muito das assistentes sociais, porque ela precisava de muitas informações, não só dos familiares do doente como do próprio doente. Então nós fazíamos o quê? Nós íamos nas casas dos familiares dos doentes para fazer o histórico dos doentes, e por aquele histórico ela idealizava o tratamento, juntamente com os médicos psiquiatras. Quer dizer, o nosso serviço foi muito bom para a doutora Nise e nós aprendemos muito,

porque tinha muito doente, por exemplo, que se submetia a choque elétrico, se submetia a outros tratamentos que eram tratamentos bruscos, que muitas vezes, em vez de melhorar, pioravam a situação, compreendeu? (Dona Ivone, 2017 *apud* SCHEFFER, 2021, n.p).

O trabalho realizado enquanto assistente social dentro do hospital psiquiátrico em que trabalhou permaneceu tão forte que mesmo depois de anos da sua prática profissional e dos seus passos para rupturas, projetos seguem sendo feitos para dar continuidade ao que foi alcançado por Dona Ivone Lara, mesmo que essa valorização não venha de forma escancarada. Dessa forma, nota-se o legado deixado pela assistente social na área da saúde mental.

Na mesma instituição em que D. Ivone Lara trabalhou como assistente social e esteve como parceira de trabalho de Nise da Silveira, anos depois, especificamente em 2001, foi criado – como uma das ações de estratégia de desmonte do modelo asilar- o Bloco Carnavalesco Loucuras Suburbana. Cabe frisar que o bloco se propõe a romper os muros do hospício e preservar a cultura do carnaval de rua do subúrbio carioca, reunindo familiares usuários, familiares, trabalhadores e simpatizantes da saúde mental (PASSOS e MORAES, 2021, p. 81).

Todavia, apesar do não reconhecimento dos feitos da dama do samba no rumo da saúde mental como assistente social, Dona Ivone Lara tem participação nas rupturas alcançadas no decorrer da sua trajetória profissional. O seu legado vai além dos vínculos extramuros com a família e a comunidade em relação aos pacientes do hospital psiquiátrico:

Além de construir vinculação com a família dos pacientes internados e realizar articulação extramuros, também executava atividades artísticas recreativas e culturais como estratégia de tratamento. “Isso radicalizou a proposta de tratamento predominante daquele período, que eram pautadas na perspectiva sintomatológica, medicamentosa e focada na busca de internação clínica-cirurgia (como eletrochoque e cirurgias neurológicas), da psiquiatria tradicional (LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021, p.8 *apud* PASSOS e MORAES, 2021, p. 82).

Destarte, a sambista assistente social fez um trabalho diferenciado que gerou bons frutos para a profissão e para a saúde mental, deixando como legado uma prática profissional mais humanizada e democrática. O Serviço Social foi muito bem representado pela dama do samba, que inovou a profissão de forma positiva e por isso precisa ser lembrada e estudada por toda categoria profissional. Dona Ivone iniciou seu trabalho fazendo relatórios e aos poucos foi indo além dos muros institucionais:

Inicialmente, seu trabalho no Instituto era voltado para a elaboração dos relatórios sobre os pacientes; ela percorria grandes distâncias para visitar os familiares das pessoas internadas, buscando construir ações técnicas que envolviam também esta rede. Posteriormente, descrevia o comportamento dos sujeitos em casa, com a família (LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021, p. 6).

Consoante a isso, o reconhecimento de Nise da Silveira na saúde mental é inegável e ocorre dentro da sociedade, mas o legado de Dona Ivone Lara também precisa ser lembrado e pontuado. Nise da Silveira com seus métodos com base no afeto e da sua aproximação com os estudos do psiquiatra Carl Jung<sup>21</sup> deixou um aprendizado e uma nova visão de cuidado dentro dos hospitais psiquiátricos, porém, a assistente social Dona Ivone Lara também precisa ser citada quando o debate é sobre transformações na área da saúde mental e legado para a profissão.

Cada uma das profissionais incluiu dentro do hospital psiquiátrico aquilo que tinha como habilidade e conhecimento, ou seja, Nise da Silveira adicionou suas técnicas e estudos através da psiquiatria e do que tinha aprendido com o psiquiatra Carl Jung, e Dona Ivone Lara adicionou seus conhecimentos do Serviço Social, tendo um cuidado com o lado social daqueles pacientes, adicionando também seu conhecimento em relação a música, podendo intensificar o trabalho de Nise da Silveira.

É interessante perceber e destacar que se Nise da Silveira tinha como repertório teórico as leituras do psicólogo analítico Carl Jung (Soares, 1991), Yvonne utilizava seu repertório musical como metodologia de intervenção, pautado no saber/cultura popular do samba e enraizado em sua trajetória. Se o caminho de cuidado construído no manicômio de Engenho de Dentro passou pela música, parte considerável disso foi devido ao saber de Yvonne. Foi seu conhecimento técnico e pessoal que evidenciava os efeitos da música no ser humano. Por meio do seu caminhar que os benefícios de uma vida embebida na cultura popular se tornaram compreensíveis (LEITE JUNIOR, FARIAS e MARTINS, 2021, p. 9).

A dama do samba deixa para o Serviço Social uma postura de acolhimento e cuidado, mas não pautado na filantropia do início da profissão, mas sim, de direitos a serem garantidos e não mais arrancados daqueles que vivem como inferiores no sistema capitalista. Por meio da sua conduta, foi possível compreender a

---

<sup>21</sup> Carl Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta. Nasceu em 26 de julho de 1875 na Suíça, sendo o fundador da psicologia analítica. O psiquiatra foi uma referência para Nise da Silveira com quem trocava cartas. Ele faleceu em 06 de junho de 1961.

importância da profissão na luta antimanicomial no Brasil, e de como o lado social precisa caminhar de forma conjunta com o mental e a saúde física dos usuários, porque ter saúde vai além de não estar doente fisicamente, mas está correlacionado com o lado mental e social dos indivíduos (AROUCA, 1986).

Enquanto assistente social, Dona Ivone Lara deixa mais do que um legado e novas formas de técnicas de intervenção no atendimento, porque a assistente social consegue modificar a realidade do usuário. O Serviço Social não é uma profissão que apenas segue leis e normas, mas sim, um curso que consegue ter um olhar crítico diante das demandas postas por consequência do sistema capitalista, por meio das expressões da questão social.

A dama do samba exerceu a profissão em momentos diferentes da mesma, e se formou quando o Serviço Social publicava seu primeiro código de ética (1947) e se aposentou depois do código de ética de 1975 ser lançado – um código que já carregava alguns traços opostos ao de 1947 – e a profissão ter passado pelo movimento de reconceituação na década de 60, considerado o primeiro momento de ruptura da profissão com o conservadorismo que cercava a categoria profissional.

O Movimento de Reconceituação é um importante momento do Serviço Social, pois é partir daí que surge uma outra visão acerca da prática profissional, voltada a uma análise crítica da realidade social, buscando assim um melhor desempenho no agir profissional ao atender as demandas da questão social, pautado em bases teórico-metodológicas que buscam superar as práticas tradicionais do Serviço Social (VIANA, CARNEIRO e GONÇALVES, 2015, n.p).

De acordo com Iamamoto e Carvalho (1996) *apud* Freitas (2018), a profissão surge no Brasil em um momento de “intensa agitação política, econômica e social. O contexto era de generalização do trabalho livre, do aumento da imigração, do desenvolvimento urbano, do processo de industrialização e de organização da classe trabalhadora” (FREITAS *et al*, 2018, p. 231). Através desses conflitos surge o reconhecimento da questão social, e assim, a profissão de assistente social se consolida, tornando-se uma profissão que trabalha na contradição entre capital-trabalho como pontua Freitas *et al* (2018).

Como pioneira e participante das diversas mudanças ocorridas dentro do Serviço Social, o legado de Dona Ivone Lara precisa ser lembrado. A categoria profissional precisa nadar contra a corrente do apagamento das profissionais que



apesar de todo o racismo e machismo que enfrentaram fizeram a diferença na jornada da profissão. Já passou da hora desse apagamento não mais existir.

Dessa forma, que mulheres como Dona Ivone Lara tenham seu legado lembrado e referenciado pelo Serviço social, porque deixar de fora uma mulher negra que se tornou assistente social com o início da profissão no Brasil e esteve atuando até o código de 1975, vivendo as mudanças da profissão no mesmo momento em que elas estavam ocorrendo, faz com que a profissão saia perdendo por não desenvolver mais sobre a trajetória da dama do samba.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu desenvolver a trajetória de vida de Dona Ivone Lara, conhecida como a dama do samba no Brasil, dando ênfase no Serviço Social, saúde mental e na questão racial que estrutura a sociedade brasileira. Diante disso, foi possível compreender a importância da dama do samba para as dimensões em que esteve comprometida, sendo notório entender sua relevância não apenas enquanto cantora e compositora, mas como assistente social, enfermeira, especialista em Terapia Ocupacional, mãe, esposa, avó, bisavó (essas duas funções são demonstradas nas figuras dezessete e dezoito), e pioneira nas rupturas dentro do hospital psiquiátrico.

Por meio das leituras e pesquisas feitas sobre o tema com base em pesquisas científicas encontradas no decorrer da elaboração do trabalho, as respostas das perguntas que buscavam-se ser respondidas foram encontradas, algumas de maneira parcial e outras em sua totalidade. Ainda existe muito para ser pontuado e elaborado, mas todo passo dado faz diferença e se torna importante.

Foi notório que a história da dama do samba assistente social foi desvalorizada ao longo do tempo por consequência de um racismo que tem como uma das suas vertentes o apagamento dos feitos realizados pelo povo negro, colocando-os novamente em um lugar marginalizado, e por isso, sendo visto como um lugar que não deve ser acessado. Além disso, os manicômios sustentam o sistema capitalista pelo fato das instituições de doentes serem importantes para a manutenção desse sistema que elabora todo tipo de violência contra os corpos considerados por eles descartáveis.

O presente trabalho demonstrou como o Serviço Social ainda precisa avançar no reconhecimento de suas profissionais negras, em especial, a pioneira Dona Ivone Lara. Todavia, foi perceptível também que a profissão não precisa avançar apenas na produção de conteúdo teórico sobre Dona Ivone Lara de modo particular, mas sim, de todas as profissionais negras que tiveram participação ativa e significativa na construção da categoria profissional.

Infelizmente, não são apenas esses dois pontos que precisam urgentemente serem trabalhados dentro da profissão. A biblioteca do Serviço social precisa estudar ainda mais sobre a sociedade brasileira fazendo um recorte racial, não apenas o social, incluindo disciplinas e criando um arcabouço teórico para estudar essa

questão, para que assim, os profissionais consigam atender seus usuários sabendo aquilo que os atravessa diariamente, lutando por uma sociedade antirracista.

**Figura 17** – Dona Ivone Lara e o neto



Fonte: Ocupação Dona Ivone Lara\Itaú Cultural

**Figura 18** – Dona Ivone Lara e seu bisneto



Fonte: Ocupação Dona Ivone Lara\Itaú Cultural

Dessa maneira, o presente trabalho foi desenvolvido desde o nascimento até o falecimento da dama do samba, descrevendo suas profissões e o percurso atravessado por ela. Consoante a isso, foi notório que Dona Ivone Lara foi pioneira

enquanto assistente social, e que ela é uma protagonista que ao longo da história foi colocada como coadjuvante nos setores em que realizou um serviço diferenciado e revolucionário.

A Dama do samba Dona Ivone Lara, foi uma preta além do seu tempo, que gerou avanços em todas as áreas que exercia, fazendo revolução e história que não pode nem vai ser silenciada. Foi uma mulher negra que assinou pela primeira vez um samba-enredo de uma escola de samba, sendo formada em duas profissões (Serviço Social e Enfermagem) com especialidade em outra (Terapia Ocupacional), mudando os rumos da saúde mental no Brasil. Dessa maneira, na última figura (figura dezenove) temos uma foto de Dona Ivone Lara para encerrar o presente trabalho, que foi elaborado com consciência de que não alcançaria a magnitude que Dona Ivone Lara merece.

Portanto, se faz necessário deixar registrado também a gratidão e a felicidade de ter produzido um trabalho sobre uma mulher preta além do seu tempo, que exerceu a profissão de Serviço Social de maneira exemplar e inovadora para a época, transformando assim a saúde mental. A voz de Dona Ivone Lara segue encantando gerações, e através desse trabalho, tenta-se fazer com que sua prática profissional enquanto assistente social também continue sendo vista e reconhecida por toda a categoria profissional.

**Figura 19 – Dona Ivone Lara**



Fonte: FENSKE (2021)

## REFERÊNCIAS

ABAS. Código de Ética profissional do Assistente Social. São Paulo: ABAS, 1947.

AROUCA, A. Sérgio S. Saúde é democracia. *In: Anais 8ª CONFÊRENCIA NACIONAL DE SAÚDE*, 8., 1986. Brasília: Centro de Documentação do ministério da saúde, 1987, p. 35-42. Disponível em: [http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf\\_nac\\_anais.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf_nac_anais.pdf) Acesso em: 27 de jan. de 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 01- 30.

BURNS, Mila. **Nasci para sonhar e cantar. Gênero, projeto e mediação na trajetória de Dona Ivone Lara**. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 1-128. 2006.

CFESS. Código de Ética Profissional do Assistente Social. Brasília: CFESS, 1993.

COMPOSITORA DE 'SONHO MEU' É TEMA DA ESCOLA IMPÉRIO SERRANO NO RIO. *Folha de São Paulo*, 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1051072-compositora-de-sonho-meu-e-tema-da-escola-imperio-serrano-no-rio.shtml> Acesso em: 10 de ago. de 2021.

COSTA, Gracyelle. Assistência Social, no enlace entre a cor e gênero dos (as) que dela necessitam. **O Social em Questão** - Ano XX – n° 38 – Mai a Ago/2017.

GRESS\RJ. **Dona Ivone Lara e Serviço Social - Uma homenagem**. [entrevista]. in: CRESS-RJ, edição especial, 17 de abr. de 2018.

EURICO, Márcia Campos. Da escravidão ao trabalho livre: contribuições para o trabalho do assistente social. **Ser Social**, Brasília, v. 19, n. 41, p. 265-554, jul. - dez/2017.

FREITAS, Rita. *et al.* História do Serviço Social – resgatando uma história de mulheres. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 42, p. 228 – 246, 2º semestre. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile> Acesso em: 31 de jan. de 2022.

GONÇALVES, Renata. Quando a questão racial é o nó da questão social. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 21, n.3, p. 514-522, 2018.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LEITE JUNIOR, J.D.; FARIAS, M.N & MARTINS, S. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2171, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/Ws6PtC3jmxhQKs4HPY8p69t/> Acesso em: 18 de jan. de 2022.

LIRA, Priscila Lemos. **Movimento de mulheres negras e o Serviço Social**. Tese (Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais) – Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista. Santos, p. 1-169. 2019.

MALTA, Pedro Paulo. **Dona Ivone Lara - A senhora da canção**. Templo Cultural Delfos, 2021. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2021/02/dona-ivone-lara.html?m=1> Acesso em: 04 de ago. de 2021.

MIZOGUCHI, Jessica Flores. *et al.* Pioneiras do Serviço Social: um estudo de perfil das relações de gênero. **Serviço Social em Revista**. Londrina, vol. 24, n.1 (jan/jun.2021), p. 290-310. Disponível em: [file:///C:/Users/silva/Downloads/39601-213464-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/silva/Downloads/39601-213464-1-PB%20(1).pdf) Acesso em: 17 de jan. de 2021.

MOREIRA, Tales Wilyan Fornazier. Serviço Social e Questão Étnico-racial: Apontamentos Históricos do Debate na Trajetória da Profissão. **Revista Social em Debate**. Pelotas, v. 27, n. 1, p. 83-100 jan./abr, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/silva/Downloads/2812-Texto%20do%20artigo-9654-1-10-20210423.pdf> Acesso em: 31 de jan. de 2022.

PASSOS, R.G. “Holocausto ou navio negreiro?": inquietações para a reforma psiquiátrica brasileira. **Argum.**, Vitória, v. 10, n. 3, 2018.

PASSOS, R.G e MORAES, A.S. “Entre os sambas, os bambas e a loucura”: O discreto protagonismo de D. Ivone Lara na saúde mental. *In*: DAVID, E. C; PASSOS, R. G; FAUSTINO, Deivison Mendes e TAVARES, Jeane Sayskya Campos. **Racismo Subjetividade e Saúde Mental: Pioneirismo Negro**. São Paulo: Hucitec Editora, 2021. p. 74-84.

PASSOS, R.G. Mulheres Negras, sofrimento e cuidado colonial. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 45, v.18, p. 116-119, 1º semestre de 2020.

SCHEFFER, Graziela. Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. *in*: **Serviço Social & Sociedade**, v. 127, p. 476-495, 2016.

SCHEFFER, Graziela. **Serviço Social na cadência da memória das pioneiras cariocas**. 1º Edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

SILVA, Ana Lúcia. A força feminina insurgente e emergente no samba: Dona Ivone Lara, a mulher negra no ensino de História. *In*: **Anais 8º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 5º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS**. Canoas, RS: PPGEDU, 2019. v. 1. p. 1-17.

SILVA JUNIOR, João dos Reis e FARGONI, Everton Henrique Eleutério. Bolsonarismo: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais. **Revista Eletrônica de Educação**, v.14, p. 1-26, jan/dez. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/silva/Downloads/4533-20069-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/silva/Downloads/4533-20069-2-PB%20(1).pdf) Acesso em: 17 de jan. de 2021.

TONIOLO, Charles. Histórias horríveis do Serviço Social: cumplicidade e resistência. *in*: REVISTA PRAIA VERMELHA. **O projeto ético-político do Serviço Social no contexto do avanço ultraconservadorismo**. R. Praia Vermelha, Rio de Janeiro, v.29 n.2, p.479-482, 2019.

TV UERJ. Necropolítica | TV Uerj Explica. Youtube, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0luIFs06kQ0&feature=youtu.be> Acesso em: 17 de jan. de 2021.

VIANA, B. B.; CARNEIRO, K. K. C.; GONÇALVES, C. F. O movimento de reconceituação do serviço social e seu reflexo no exercício profissional na contemporaneidade. *In*: **SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**, Florianópolis, 2015. Trabalho apresentado... Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: [https://seminarioservicosocial2017.ufsc.br/files/2017/05/Eixo\\_2\\_139.pdf](https://seminarioservicosocial2017.ufsc.br/files/2017/05/Eixo_2_139.pdf) Acesso em: 31 de jan. de 2022.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia**. Tese (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, p. 1-364. 2020.